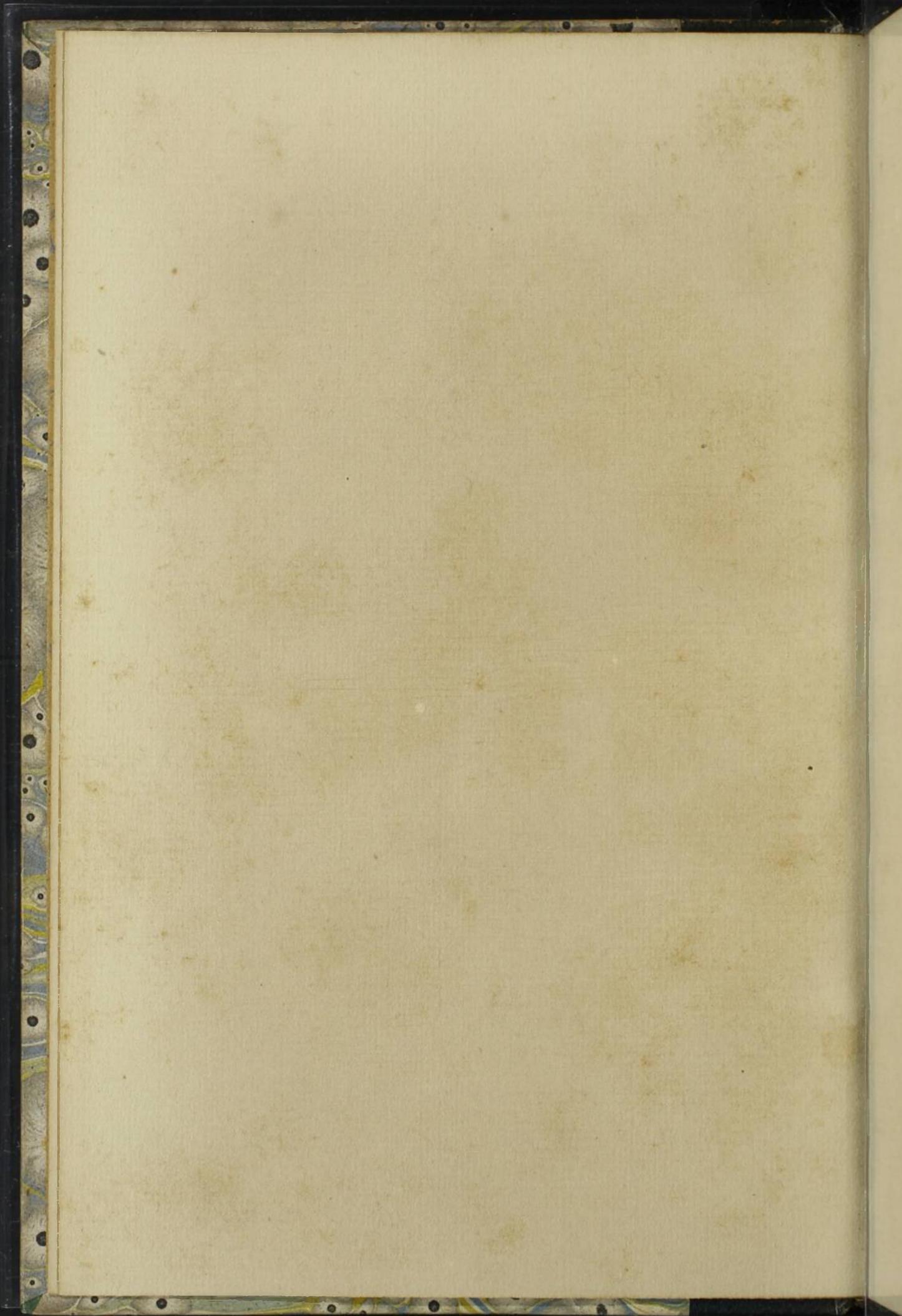


Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



Le 10^{me} Mars 1848
de la République contre les ennemis...

OS
GEMIDOS DOS AFRICANOS,

POR CAUSA

DO

Traffico da Escravatura:

OU,

BREVE EXPOSIÇÃO

DAS INJURIAS E DOS HORRORES QUE ACCOMPANHAM

ESTE

TRAFFICO HOMICIDA.

FOR

THOMAS CLARKSON, A. M.

LONDRES,

1823,

IMPRESSO NA OFFICINA DE HARVEY E DARTON,
GRACECHURCH-STREET.

Vende-se na mesma,

E

NA LOGE DE W. PHILLIPS,
GEORGE YARD, LOMBARD-STREET.

PREFACIO AO LEITOR.

NO Quadro, que vamos traçar, do horrivel Traffico da Escravatura, não he possivel apresentar-vos senão huma serie de crimes atrocissimos, e dos mais barbaros e crueis tormentos: porisso antecipamos já o vosso espanto, e que haveis de exclamar amiudadas vezes, no decurso da leitura: pois he possivel que a natureza humana tenha chegado a similhante grão de depravação? Muitas vezes querereis duvidar da verdade dos factos que estareis lendo; e portanto, será necessario tambem dizer-vos a origem d'onde os obtivemos. Nenhuma pessoa instruida, da Europa, ignora o nome e os trabalhos do celebre viajante Inglez *Mungo Park*, e ninguem até agora houve que duvidasse da sua verdade. He pois com este que havemos de attestar muitas vezes os factos que referimos nas seguintes paginas.

Tambem ha outra fonte d'onde extrahimos informações, que he o *Livro de Evidencia*, publicado por ordem do Parlamento Inglez. Este livro contém os depoimentos de muitas pessoas, que tinham estado em Africa, humas como meros viajantes, e outras mesmo implicadas no Traffico da Escravatura. Os depoimentos d'estas pessoas foram tomados por huma Commissão da Casa dos Communs, que esteve tres annos consecutivos empregada nesta averiguação; e as partes foram, não só huma vez examinadas, porém foram obrigadas a sujeitar-se à prova de reinquirições mui strictas, feitas por individuos interessados na continuação d'este traffico.

Cumprirá tambem aqui advertir, que estes factos que vamos expôr, ainda que sejam, geralmente, allusivos ao Traffico da Escravatura que faziam antigamente os Inglezes, comtudo sam os mesmos que se verificam sempre no traffico que ainda hoje fazem outras Nações. Não

altéra os casos se o traffico he feito por Francezes, Hollandezes, Portuguezes, Allemães, ou quaesquer outros; o resultado ha de ser o mesmo: a natureza humana he similhante em todos os paizes do Universo: os males que acompanham o traffico não sam casuaes, sam inseparaveis da sua mesma natureza. Consideremos que a causa primaria d'este traffico he o uso iniquo que se faz, e a precisaõ que impoliticamente se fomenta, dos generos em que consiste: estes generos, pois, sam *homens, mulheres, e creanças*. Podemos nós duvidar, que aquelles que vendem os Africanos aos Europeos, recorram a todos os meios possiveis, e até aos mais injustificaveis, para colhé-los à mão para os vender? Quando antigamente se abriu hum mercado no Egypto, para a compra e venda de creaturas humanas, diz-nos a Escriptura, que os irmãos de Iosé o agarraram e venderam para lá! Quando similhantes mercados se abriram depois na Asia, e na antiga Grecia, que grande numero de pessôas não recorda a historia que se tornaram em ladrões, por terra e por mar, para agarrar e arrebatar os desprevenidos, e levá-los ao mercado? Com effeito, a experiencia de todos os tempos o tem mostrado. Abra-se hum mercado para a Especie humana, onde quer que fôr, e o resultado consecutivo hade ser, commetterem-se as maiores enormidades para os homens se apoderarem dos seus similhantes, e venderem-os em proprio proveito, como a brutos irracionaes. Tam convencido ficou o Parlamento Inglez d'esta verdade, no decurso da evidencia que foi submettida ao seu exame, que não poude por mais tempo, seja como homens ou como Christãos, tolerar o traffico da Escravatura.

Convira tambem aqui observar, que a narraçaõ que nos propomos offerecer, diz só respeito ao que commummente se chama o traffico na Costa d'Africa; e não abrange os tormentos que depois se fazem padecer às tristes victimas nas Colonias dos Europeos na America.

OS GEMIDOS DOS AFRICANOS.

CAPITULO PRIMEIRO.

Dos differentes modos por que os naturaes d'Africa sam reduzidos a escravidão.—Solução do Problema, porque os que habitam no Interior sam mais civilizados, doque os que vivem juncto às Costas do Mar.

A MAIOR parte dos Escravos, que os Africanos vendem aos Europeos, sam prisioneiros de guerra. As Guerras d' Africa, segundo diz M. Park, sam de duas especies: as primeiras podem-se chamar, como as da Europa, guerras publicas ou declaradas; e as guerras d'esta natureza, diz elle, que se concluem de ordinario numa só campanha: os contrarios dam-se batalha, e o exercito vencido foge em desordem apossado de um terror panico, e nunca tracta de se reunir; de sorte que os vencedores não tem mais que fazer doque algemar os prisioneiros, e conduzi-los para o seu paiz, d'onde os mandam para os mercados de escravatura, para serem vendidos na primeira occasião.

A outra especie de guerra chama-se *Tegria*, que em lingua Africana quer dizer *roubo*; e consiste em incursões e correrias que se fazem de uns povos contra outros, sem nenhuma declaração ou notificação prèvia, e somente para o fim de roubar. Esta especie de guerra he a que fornece principalmente os mercados de escravatura. As *Tegrias*, ou Correrias, sam mais ou menos extensas segundo as

circunstancias; porque ha bandos de quinhentos homens de cavallo, armados de arco e flecha, e capitaneados por hum chefe; e ha bandos d'ahi para baixo, destinados para o mesmo fim, até rematar num simplex individuo armado com seu arco e settas; o qual, escondendo-se por detrás das arvores, e por entre as brenhas, espreita a occasião de algum rapaz, ou pessoa desarmada, passar por alli; e entãõ à maneira de hum tigre, lança-se sobre a presa, e arrebatada para os matos, d'onde à noite se retira com ella para casa feita escrava.

“As guerras d'esta especie,” diz M. Park, “sam geralmente conduzidas com grande segredo. Ajunctam-se huns poucos de individuos resolutos, capitaneados por algum d'entre elles mais destemido e emprehendedor, e dirigem-se através dos matos, sem serem presentidos, para as vizinhanças de algum povoado; d'alli, em chegando a noite, accommettem os miseraveis habitantes desprotegidos, e antes que estes possam receber succorro dos seus vizinhos, sam arrebatados pelos salteadores, com tudo o mais que podem levar. Huma manhã, estando eu em *Camalia*, causou-nos grande susto huma partida d'esta natureza. O filho do Rey de *Foolado*, com quinhentos homens de cavallo, atravessou secretamente os bosques para a banda do Sul de *Camalia*, e na manhã seguinte atacaram e saquearam tres povoações pertencentes a *Madigai*, chefe poderoso de *Jalonkadoo*. O bom successo d'esta expedição animou o governador de *Bangassi*, aldêa de *Foolado*, a fazer segunda correria sobre outra parte do mesmo paiz; e tendo ajunctado huns duzentos homens, atravessou de noite o rio *Kokoro*, e recolheu-se com grande numero de prisioneiros. Aquelles dos habitantes que escaparam a estes ataques foram depois agarrados pelos de Mandinga, emquanto andavam amonte, re fugiando-se pelos matos ou pelas grutas das montanhas. E d'estas expedições depredatorias sempre resulta huma prompta retaliação; e quando se não podem ajunctar grandes partidas para esse fim, combinam-se huns poucos de amigos, e entram pelas terras dos adversarios a saquear e a roubar a gente: e por estes meios se excitam queixumes e odios, que se tornam hereditarios e perpetuos entre as nações, tribus, e aldêas, e mesimo simpllices familias; tudo consequencias d'aquella irresistivel tentação que o mercado da escravatura offerece aos povos para satisfazerem as suas vinganças particulares, e obterem hum lucro momentaneo.”

Taes sam pois alguns dos meios, por que se procuram os escravos

para os Europeos comprarem, nas partes por onde M. Park viajou; mas consta do Livro de Evidencia, que foi impresso por ordem do Parlamento Inglez, que as expedições chamadas *Tegria* se costumam practicar em todo o Continente d'Africa, isto he, tambem nas outras partes onde M. Park não viajou. Alli achamos que, os pequenos Reys e Chefes d'aquellas gentes, quando tem precisaõ de alguns generos Europeos, mandam pelos seus soldados agarrar os proprios subditos, como se fossem cabeças de gado, para trocar ou vender: e o modo de o fazerem he atacando de noite as aldêas, e, se he necessario, deitando-lhes fogo, para augmentarem a confusaõ, e ao momento dos miseraveis habitantes se quererem excapar fugindo, então he que os agarram. D'alli vemos tambem, que individuos costumam sahir armados em busca de presas, assim por mar como por terra, e a quantos encontram, e podem submeter, trazem-os consigo. Estas expedições, quando sam comprehendidas em menor escala, chamam-se *Panyar*; e as d'este nome praticam-se mais juncto às costas do mar: o nome de *Tegria* he mais usado para as expedições do interior; e o serem ellas conhecidas e distinguidas por estes diferentes nomes, he uma prova bem clara da sua publicidade e frequencia.

Agora, antes de proseguirmos a referir outros meios, que se empregam na Africa para obter escravos para os Europeos, permittase-nos fazer aqui huma pausa, para offerecermos algumas observações sobre o que fica dicto. Pessôas interessadas em tam deshumano traffico, para se desculparem, tem feito espalhar, que as guerras de Africa tem mais origem no character feroz dos naturaes, doque no desejo de fazer prisioneiros para vender; e nós estamos promptos a conceder-lhes, que algumas das guerras publicas e declaradas possam ser comprehendidas sem a manifesta intenção de fazer prisioneiros; mas, pode alguém duvidar de que as depredatorias excursões, de que temos fallado, tem a sua principal origem na existencia d'este traffico? Estes nomes de *Tegria* e *Panyar*, não sam elles huma prova da existencia dos roubos que por elles se designam? Não fica já dicto aqui assima que sam estas especies de guerra as que supprem principalmente os mercados? Ajunctemos a isto hum importante facto, que se collige do Livro de Evidencia já citado, e que he provado em toda a extenção, que vem a ser, que a frequencia das expe-

dições Panyares depende sempre do numero de navios de escravatura que se acham anchorados ao longo das Costas. Ora, do que sam as guerras ordinarias da Africa, não devemos ajuizar pelo que sabemos das guerras da Europa; pois aquellas se distinguem por huma crueldade peculiar, em consequencia do desejo de retaliação que existe entre as partes implicadas; o qual desejo deve a sua origem ao traffico da escravatura: além do que, tambem sam singularmente destructivas, pelo costume que tem os aggressores de matar, no momento do conflicto, todos aquelles que por velhos já não servem para escravos. Distinguem-se tambem pela circumstancia de parecerem guerras sem fim; e este he certamente hum dos maiores males que as acompanham. Pergunte-se a qualquer individuo da Europa, cujo paiz tiver sido invadido por exercitos inimigos, se elle não considera a guerra como huma das maiores calamidades que podem sobrevir à raça humana; e se muitas vezes se não consolou com a esperanza de que, porventura, a horrivel praga não haveria de durar muito tempo. Com effeito, o espirito humano reconcilia-se às vezes a hum mal, pela persuasão de que elle he temporario. Qual deve pois ser a nossa compaixão pelos innocentes filhos d'Africa, com quem a desolação he permanente, com pouca ou nenhuma intermissão? Succedem-se os tempos, e succedem-se as calamidades da mesma forma que pelo passado: e emquanto se fôrem succedendo as gerações na Europa a continuar o traffico da escravatura, correspondentes gerações de Africanos haverão de passar por todos estes infortunios.

Porém, o Contractador de Escravos não se suppre somente por meio das crueldades e hostilidades que fomenta: as suas viagens ao Continente d'Africa tem produzido outros meios com que satisfazer a sua avareza, augmentando as calamidades dos natuaes. Estas viagens tem sido a causa da corrupção da justiça, que là se observa; e d'esta corrupção provêm ao contractador hum sem numero de victimas. Em outro tempo, quando este Continente começou a ser vizitado por Europeos*, os castigos publicos eram mui leves, e proporcionados aos crimes commettidos, se-

* Veja-se Nyandael e Artus de Dantzic, na India Orientalis de Debry; e Bosman, Barbot, Moore, e outros.

gundo as rudes e simples noções dos habitantes: porém, des de aquelle tempo, a Jurisprudencia d'Africa tem-se accommodado às exigencias do Traffico da Escravatura; de sorte que, hoje em dia, a menor offensa que se commette he punida com escravidão. O crime imaginario de Feitiçaria he o artigo de renda mais productivo, que tem os Chefes d'aquelles povos. He o mais productivo, primeiramente, porque he mui facil a convicção do crime para que se não exigem provas razoaveis; e em segundo lugar, porque a convicção he logo seguida pela venda de toda a familia do accusado. A pessoa accusada he posta à prova que se chama da *agua vermelha*: se ella a bebe sem medo, he declarada innocente; se porém, como muitas vezes acontece (porque a agua he envenenada) d'ahi lhe resulta doença ou morte, ella e toda a sua restante familia sam vendidos aos Europeos. Este processo he de todos o mais calamitoso por isso que, o mais das vezes, se lhe segue a morte do miseravel accusado. Huma testemunha de vista depôs, perante o Parlamento Inglez, que vira seis pessoas morrerem numa manhã por aquelle modo, em consequencia de accusação que fizera contra ellas o Rey de *Sherbro*. D'este modo seis pessoas perderam as vidas, e seis familias foram condemnadas a morrer escravas em paizes estranhos. O que sanciona todas estas accusações he a persuasão, que os mercadores de escravos tem o cuidado de inculcar, e perpetuar entre os naturaes do paiz, de que muitos dos que morrem foram victimas de alguma operação magica. Considere-se pois o vasto campo que este pretendido crime offerece à especulação da malignidade, da cobiça, e da avareza! Qualquer pessoa que chega a enriquecer-se, e a ter huma familia numerosa, cuja venda produziria huma somma consideravel de dinheiro, raramente escapa à noticia do seu chefe. Em hum dos districtos maritimos calculou-se, que dois terços dos escravos exportados fôram producto de vendas por crime de feitiçaria: à vista do que, não será difficil accreditar que se inventem crimes, e multipliquem accusações a fim de obter a convicção; e até mesmo que muitos, sem o suspeitar, sejam induzidos a commetter actos de que lhes resulte a perdição. O Livro de Evidencia está cheio de casos d'esta natureza os mais abominaveis que se podem imaginar.

A fome tambem he, segundo diz M. Park, huma causa que concorre muito para a escravidão. Observa-se que muitos se vendem a si mesmos para alcançar de comer; e até os pais, aliàs amantes

de seus filhos, se desfazem d'elles, e os vendem, obrigados pela fome: porém, relativamente a esta ordem de escravos, pouco bastará que digamos. Do que refere M. Park, e outros, he evidente que, posto que a fome tenha produzido estes infelizes resultados, comtudo, o traffico da escravatura he a causa original d'elles: isto he, o traffico da escravatura tem occasionado as circumstancias d'onde nasce esta particular especie de escravidão. A frequencia das *Tegrias* e dos *Panyares*, das falsas e arbitrarias accusações, e das seducções dos incautos para commetterem crimes, tem o effeito de impedirem a cultura das terras, e todo progresso da agricultura naquelles paizes. Os naturaes d'Africa, em consequencia da pouca segurança em que vivem de suas pessoas, não ousam cultivar mais do que o estricto necessario; porque não sabem, quando lançam as sementes à terra, se porventura se demorarão no lugar bastante tempo para lhes colher o fructo, e se gozarem d'elle: e por isso tem muito cuidado em não desperdiçar trabalho com vistas de ajunctar para o futuro. Accrescente-se a isto, que, quando as *Tegrias* tem lugar, não só as aldêas sam muitas vezes inteiramente destruidas, mas tambem os campos de arroz que lhes pertencem: de sorte que, as poucas miseraveis pessoas que se escapam à escravidão ou à morte, fugindo para os matos, não acham de que sustentar-se quando voltam às suas casas.

Outra causa da escravidão, diz M. Park, sam as dîvidas. Nestes casos, como nos crimes, he notavel o quanto as leys se tem pervertido do seu estado primitivo; e como os chefes tem adaptado os usos e costumes do paiz ao fornecimento dos mercados de escravatura. Os credores, em Africa, tem o direito, não so de lançar mão da pessoa do devedor, mas tambem de o vender para escravo; no caso de elle fugir, vam sobre a pessoa de outro qualquer membro da familia; e quando nenhum d'estes apparece, lançam mão de qualquer outro habitante do mesmo lugar ou aldêa, para pagamento da dîvida. Entretanto, os Capitães dos navios de escravatura tem outro methodo de se segurarem contra perdas ou dîvidas. Nunca hesitam em fiar mercadorias aos diversos agentes e contractadores de negros para as levarem ao interior e trazerem-lhes de lá em troco hum certo numero de escravos: porém, quando partem com as fazendas, insistem os Capitães em que elles lhes deixem em deposito tantos de seus filhos ou parentes, que correspondam ao valor das fazendas confia-

das; e estes ficam em refens a bordo dos navios, tendo os Capitães o direito de se hir com elles, no caso dos dictos contractadores não comprirem os ajustes. Partem pois os agentes para o interior, e fazem todos os esforços imaginaveis para voltarem em tempo, por amor do risco que correm as suas familias: porém, que succede! muitas vezes estes mesmos sam agarrados por outros no caminho, e vendidos como escravos; de sorte que, emquanto hum navio os leva a elles, outro leva as suas familias condemnados a nunca mais se verem, e a morrerem em perpetua escravidão. Seria mui longo, se houvessemos de referir todos os actos de fraude, violencia, e injustiça que, segundo o Livro de Evidencia, já citado, se costumam praticar para manter o traffico da escravatura. Elles sam tantos, e tam varios, que tem havido annos de se exportarem de Africa de *sessenta a cem mil* negros para as Colonias dos Europeos na America!!!

Antes de proseguirmos a tractar de outra parte do nosso objecto, introduziremos aqui a resolução de hum problema, que, tanto poderá servir para mostrar qual seja o character dos Africanos, como tambem para fazer ver qual he o dos mercadores Europeos. O problema he, ser hum facto geralmente reconhecido, que os habitantes do interior de Africa sam mais afaveis, mais honrados, e mais industriosos, isto he, mais civilizados, doque os habitantes dos districtos maritimos.

A solução d'este problema não he difficultosa. Os naturaes do interior conduzem o seu proprio commercio elles mesmos, e não sabem nada dos Europeos. Sabem que ha hum mercado, a huma grande distancia das suas terras, onde os escravos que elles vendem se tornam a vender; porém, não vem navios, nem sabem quando elles chegam, nem aonde. Todavia, o conhecimento que elles tem da existencia de hum tal mercado, opéra nelles como hum estimulo para não perderem occasião que se lhes offereça de gratificarem por aquelle meio o espirito de vingança, e o da propria avareza; como porém não vivem entre elles mercadores brancos, como entre os povos vizinhos das Costas, para os excitar e estimular cada dia, com licores e outros meios, a commetter toda a sorte de excessos, o traffico da escravatura continúa naquelles paizes em huma maneira regular, e não forçada. Por cujo motivo se observa, que as expedições para roubar, ainda que sejam mui frequentez no interior, pode-se

dizer que sam mui raras, em comparaçãõ do que he nas costas de mar. Tem mais lugar nas rayas dos differentes Estados, doque no interior; e sam menos frequentes entre os membros da mesma tribu. O mesmo se pode dizer dos *Panyares*, ou expedições de particulares. As accusações falsas, para se apoderarem dos accusados, tambem sam menos frequentes no interior. Por estas diversas razões e circumstancias tambem ha menos crimes, e mais protecção pessoal; resultando de tudo isto, que os habitantes do interior sam menos ferozes, e mas briosos doque os das Costas; e as suas terras tambem sam mais bem cultivadas.

O Traffico da Escravatura, por outro lado, he conduzido por brancos, tanto nos rios que vem do interior, como sobre as Costas. Os naturaes do paiz estaõ vendo os navios, e sabem que vem carregados de generos proprios para o seu consummo, e para trocarem por elles, homens, mulheres e creanças. Eis aqui pois a tentação. Alli tem elles diante dos olhos os meios de satisfazerem immediatamente os seus desejos. Ainda bem os navios naõ tem ferrado a anchoira, já estaõ em movimento quantas paixões excitam o coração humano; a cobiça, a avareza, a inimizade, e a vingança. A noticia da chegada de hum navio de escravatura, he como a promessa publica de huma recompensa para toda especie de crimes; e dès d'aquelle momento, poucos se podem julgar seguros. Começa, a *Tegria*, o *Panyar*, e a administração da *agua vermelha*. Huma testemunha depôs diante do Parlamento Inglez, que naquellas occasiões os naturaes do paiz naõ ousam sahir de casa senaõ armados. Perguntando-se a hum d'estes a razão porque se armava, quando naõ havia guerra; a resposta, sem abrir a bocca, foi mui expressiva: apontou com o dedo para hum navio de escravatura, que estava fundiado. Aqui tambem cumpre notar, que os Europeos nunca perguntam se os escravos foram bem ou mal adquiridos. Alguns mercadores confessaram, despejada e francamente, perante o Parlamento, que compravam toda a sorte de pessoas, sem prestar a menor attenção ao modo porque alli se achavam escravas, nem se embaracarem com o direito do vendedor para dispor d'ellas: "se os seus naturaes no-las-vendem, 'diziam elles,' nós naõ queremos senaõ comprar."

Entretanto, teria sido huma fortuna para milhares de Africanos, se a torrente d'este traffico tivesse sido deixada somente ao seu curso natural; ou se os trafficantes Europeos lhe naõ tivessem dado

hum impulso indevido pela applicaçõ dos mais criminosos meios: porém; que outra coisa se pode esperar de pessõas que sahem das suas terras para hirem arrebatam os innocentes habitantes de paizes longinuos, e reduzi-los à escravidã, para d'ahi lucrarem! Não he provavel que taes individuos escrupulisem sobre os meios de conseguir os seus fins. Os factos justificam a supposiçã, como logo mostraremos. He bem sabido que todas as nações barbaras tem huma paixã excessiva pelas bebidas espirituosas, e que esta paixã augmenta com o costume, até se tornar hum vicio incorrigivel. Aqui pois encontramos nós actos da mais criminosa interferencia da banda dos Europeos. Bem informados d'esta fraqueza, ou enfermidade, dos habitantes do paiz, não perdem occasiã de se aproveitar d'ella. Tem chegado a dar festas e banquetes aos Chefes dos negros, e, depois de lhes terem feito beber bastante, alcançam d'elles que dem ordens à sua gente d'armas, para hirem roubar e fazerem incursões contra os seus proprios subditos. De outros meios, igualmente iniquos e fataes, se sabe que costumam servir-se; como sam, espalhar a zizania e a discordia entre os Chefes dos Estados vizinhos, que viviam em perfeita amizade: e quando descobrem que existem disputas entre elles, assopram os tições, e ateam as lavaredas; sabendo mui bem, que, seja qual for o vencedor, a guerra ha de terminar em proveito seu. Para habilitar as partes a fazerem a guerra e a vingarem-se huma da outra, supprem a ambas com munições e armas fiadas; e depois de tudo bem disposto, ficam-se mui sossegados a presenciar o conflicto; o qual em estando acabado, apresentam-se os trafficantes para receberem o valor dos seus creditos, em prisioneiros de ambos os lados. Mas ainda aqui não está tudo. Quando os homens se tornam familiares com os vicios, quem pode saber onde elles haõ de parar? Depois do principio moral desaparecer, que freio haverá que possa conté-los? Os trafficantes Europeos tem chegado a ter a ousadia de furtarem elles mesmos os pretos, todas as vezes que o tem podido fazer sem serem descobertos, ou sem o perigo de retaliaçã. Quantas canõas solitarias não tem sido apprehendidas por elles nos rios e nas Costas, e a pobre gente que as conduzia arrebatada imprevisamente, para hir morrer em escravidã?

E se isto he assim, como he possivel que os habitantes das Costas possam ser industriosos, e adiantar-se na carreira da civilisaçã? Mr. Bryan Edwards, o celebre author da Historia da Jamaica, ape-

zar de se oppôr elle mesmo à abolição do traffico da escravatura, por ser plantador, teve a candura de admittir, que a maior parte do Continente d'Africa era “hum campo de guerra e desolação; hum mata, cujos habitantes eram lobos huns contra os outros; hum scena de fraudes, de rapinas, de oppressões, e de sangue.” Esta informação, diz elle, que a tinha colligido dos seus proprios negros. Que medonha pintura nos não apresenta esta relação, que he tam conforme com o que temos dicto! E quanto mais ennojosa se não torna ella com a reflexão de que, todas as atrocidades que alli se descobrem, sam occasionadas por nações que se tem em conta de Christãas!!!

CAPITULO II.

Do caracter moral e intellectual dos Africanos. Refutação do argumento, de que elles sam de huma especie inferior. Razões porque elles se não tem adiantado em civilisação, como alguns outros povos.

ENTRE Sessenta e Cem mil almas se exportam annualmente das Costas d'Africa, roubadas às suas familias, e ao seu paiz, para hirem acabar em regiões distantes, com trabalhos violentos, e em serviço alheio. Se os desgraçados Africanos sam creaturas humanas, como nós somos; se tem paixões semelhantes às nossas; se sentem e reflectem como nós mesmos, por certo que tem direito à nossa profunda compaixão. Quantas vezes nos affligimos por ouvir os gemidos de hum animal que soffre, e sentimos no peito hum movimento que nos adverte da analogia que tem as suas com as nossas dores? E poderemos entãõ observar, a olhos enxutos, semelhante accumulacão de miseria em hum povo innocente, e sem nos interessarmos pelo seu padecer, e sem advogarmos a sua causa?

Os trafficantes Europeos conhecendo muito bem a sua culpa, e sabendo que as vözes da natureza haviam de bradar contra os seus crimes, tem-se precavido, ha muitos tempos, com argumentos em sua defesa. Como sabem que nada mais poderã justificar a sua

conducta, tem espalhado no publico e continuam a espalhar, que os Africanos sam creaturas d'outra especie; que não tem as faculdades, nem os sentimentos de homens; que estão no mesmo nivel dos brutos; e accrescentam, como para confirmar as suas asserções, que, tendo a Africa sido descoberta ha huns poucos de centos de annos, os seus habitantes não tem feito, como outros povos, progressos nenhuns em civilisação.

Naõ teremos difficuldade alguma em refutar este argumento, se quisermos appellar para o testemunho de viajantes des interessados, ou para quaesquer viagantes de reputação, que tenham vizitado o Continente a que alludimos: e primeiramente comecemos por examinar, se os Africanos tem, ou não character moral.

“ O character selvagem dos *Feloops*, ‘ diz M. Park,’ he compensado por muitas qualidades boas. A gradidaõ para com os seus bemfeitores, e a fidelidade com que guardam o que se lhes confia, sam qualidades mui notaveis d'aquella gente.”

“ Huma das primeiras coisas, que as mulheres, em Mandinga, ensinam às creanças, he a practica da verdade. O Leitor lembrarse ha, provavelmente, do caso d'aquella mãi infeliz, cujo filho foi morto por huns salteadores em *Funinghedy*. A unica consolação que tinha na sua desgraça era, que o pobre moço, em toda a sua vida *naõ tinha dicto huma mentira.*”

“ Tambem he notavel, que hum Africano perdoará mais depressa umas pancadas, doque o dizer-se mal de seus pais. ‘ Antes tu me dés, doque digas mal de minha mãi,’ he huma expressaõ mui usual entre elles.”

Pelo que toca as sympathias naturaes, ou a affeição que huns tem pelos outros, ouçamos tambem o que M. Park diz a este respeito. “ Pela volta das duas horas chegamos à vista de *Jumba*, d'onde era natural o ferreiro (o negro que viajara com M. Park) e d'onde se tinha ausentado havia mais de quatro annos. Naõ tardou muito que hum seu irmão, que fôra avizado da sua chegada, naõ viesse fóra a encontrá-lo, acompanhado de hum homem que cantava. Trouxe tambem hum cavallo para o ferreiro montar, porque elle entrasse na sua terra de hum modo distincto; e quis que cada hum de nós carregassemos bem com polvora as nossas espingardas. D'alli partimos, indo na dianteira o cantor, e logo atrás d'elle os dois irmãos; em poucos minutos nos vimos rodeados por hum grande numero de

pessoas da terra, que dançavam, saltavam, e cantavam pelo modo mais extravagante, em demonstração da alegria que tinham, por tornarem a ver o seu conhecido ferreiro. Ao entrar no lugar, improvisou o cantor huma cantiga em louvor do ferreiro exaltando a sua coragem, por ter vencido tantos trabalhos; e concluiu ordenando aos seus amigos, que lhe fizessem bastante de comer.”

“ Quando chegámos a casa do ferreiro apeámos-nos e disparámos as espingardas. O primeiro encontro com a sua familia foi de muita ternura; porque, estas rudes creaturas da natureza, despidas de todo acanhamento, demonstram os seus sentimentos da maneira mais expressiva. No meio d'estes transportes appareceu a mãe do ferreiro, já mui velha e encostada a hum pão: todos se arredaram para lhe fazer lugar; ella estendeo a mão para congratular o filho pela sua vinda; e, como estava cega, apalpava-lhe as mãos, os braços e a cara, com muito cuidado, parecendo extremamente satisfeita de nos seus altimos dias o tornar a ter aopé de si, e ovir a sua voz. Depois d'este espectáculo, fiquei inteiramente convencido de que, *seja qual fór a differença entre o negro e o Europeo, no feitio do nariz, e na côr da pelle, não ha nenhuma na genuina sympathia, e nos sentimentos caracteristicos da nossa natureza commum.*”

Tambem o que se segue pode servir para exemplo da sua hospitalidade e ternura para com os estranhos em estado de afflicção. “A' bocca da tarde,” diz M. Park, “estando eu sentado, mastigando humas palhas, (isto era no reyno de *Kajaaga*, chegou-se a mim huma escrava velha, que hia passando com hum cesto à cabeça, e perguntou-me, se eu tinha tido de jantar. Cuidando eu que ella só queria mofar de mim, não lhe dei resposta; mas o rapaz, que estava sentado allí aopé, respondeo pormim, e disse-lhe que os servos do Rey me haviam roubado quanto eu tinha. A bôa mulher ovindo isto, olhou para mim com hum ar de bondade natural, e baixando o cesto, me fez ver que levava castanhas da terra; perguntou-me se eu queria d'ellas, e respondendo-lhe que sim, apresentou-me logo humas poucas de mãos-cheias, e abalou, antes de eu ter tempo de lhe agradecer o favor. Este pequeno acontecimento deo-me particular satisfação; reflectindo eu, como aquella pobre escrava, abandonada ao seu natural, não quis saber mais do meu caracter e circumstancias, e escutou só os caridosos sentimentos do seu coração. A experiencia lhe tinha ensinado, que a fome he impor-

tuna; e a sua propria infelicidade lhe inspirava compaixão pela dos outros.”

Em outra occasião, achando-se M. Park aopé de *Sego*, conta elle o seguinte: “Via-me obrigado a ficar todo hum dia sem comer, sentado à sombra de huma arvore; a noite ameaçava de me ser incommoda, porque o vento principiava a enrijar, e havia todas as apparencias de chuva grossa. Além d’isso, as feras sam tam numerosas naquelles sitios, que me havia de ser necessario trepar assima da arvore e ficar entre os ramos. Comtudo, ao pôr do sol, estando-me apromptando para passar a noite d’este modo, e tendo já soltado o cavallo, para que podesse pastar livremente, huma mulher, que voltava dos campos, parou a observar-me, e vendo-me num ar abatido, perguntou-me o que tinha; o que eu em poucas palavras lhe expliquei: acabando de ouvirme, a bôa creatura, com mostras de grande compaixão, pegou na sella, tomou o freio do cavallo, e disse-me que a segui-se. D’alli conduzio-me à sua choupana, acendeo huma alampada, estendeo huma esteira no chão, e disse-me que podia ficar allí aquella noite. Percebendo tambem que eu tinha fome, disse que me hia buscar de comer, e sahio pela porta fôra. Passados poucos minutos, entrou com hum peixe na mão, o qual assou numas brasas e m’o deo para cear. Tendo, por este modo, cumprido com os deveres da hospitalidade para com hum estranho em desgraça, a minha digna bemfeitora apontou para a esteira, e disse-me que podia hir dormir sem receio; e chamando suas filhas, que atèlli tinham estado num pasmo continuo o olhar para mim, disse-lhes que proseguissem na sua tareffã de fiar algodão; no que ainda se empregaram bôa parte da noite, alliviando o trabalho com cantigas, huma das quaes foi improvisada, pois eu era o motivo d’ella. Huma das moças cantava, e as outras a seguiam numa especie de côro. O tom era doce e mavioso: as palavras, traduzidas litteralmente, eram assim: “Os ventos rugiam, a chuva cahia; o pobre branco desfallecido e cansado, veio sentar-se debaixo da nossa arvore: elle não tem mãi que lhe traga leite, nem tem mulher para moer-lhe o trigo.”—Côro— ‘Tenhamos dó do homem branco, pois não tem mãi,’ &c. &c. Por pouco apreço que faça o leitor d’este acontecimento; qualquer pessoa na minha situação, não poderia deixar de se commover intimamente. Eu sentia-me affectado da mais viva gratidão portal bem inesperado, e o sonno fugio dos meus olhos. Pela manhã fiz à

minha compassiva patrôa presente de dois botões de metal, de quatro unicos que me restavam no collete, e a unica recompensa que lhe podia fazer.”

Tendo dicto quanto basta do character moral dos Africanos, passaremos a occupar-nos do seu character *intellectual*.

Diz M. Park, que, “em todas as povoações consideraveis de *Mandinga* ha hum primeiro Magistrado, a que chamam *Alkaid*, cujo officio he hereditario; e o seu exercicio consiste em preservar a ordem publica, cobrar tributos dos viajantes, e presidir a todas as conferencias que tem lugar no exercicio da jurisdicção local, e da administração da justica. Estes tribunaes sam compostos das pessôas mais antigas das terras, e chamam-se *Palavers*; e os seus processos fazem-se em lugar descoberto com sufficiente solennidade. Ambos os lados da questaõ se discutem livremente; as testemunhas examinam-se em publico, e as decisões ou sentenças, que se lhes seguem, obtêm geralmente a approvaçã de todos os circumstantes.”

Fallando de *Sego*, diz, “que continha, pouco mais ou menos, trinta mil habitantes. A extensa vista que forma esta cidade; o grande numero de canôas no rio; a muita povoaçã, e o estado de cultura das terras circumvizinhas, offerencia tudo juncto hum prospecto de civilisação e grandeza, como eu não esperava encontrar no seio d’Africa.”

O seguinte sam extractos do seu jornal, onde falla da industria dos habitantes; das suas artes e manufacturas. “Os negros, em geral, e os de *Mandinga* particularmente, sam nas Costas do Mar considerados pelos brancos como povos indolentes e sem actividade; e eu creio que não tem razaõ de assim os julgarem. A natureza do clima he, com effeito, desfavoravel ao muito exercicio; porém, hum povo que se suppre a si mesmo com o necessario, e não das espontaneas producções da natureza, mas com as do seu proprio trabalho, não pode seguramente chamar-se indolente por costume. Quando a occasiaõ o requer, poucos povos trabalharaõ mais doque os de *Mandinga*. Porém, como tem poucas oportunidades de beneficiar-se com o producto superfluo do seu trabalho, contentam-se de cultivar unicamente o terreno que lhes he sufficiente para o proprio sustento. Os trabalhos do campo offerecem-lhes bastante em que se occupar durante as chuvas; e na estaçã secca, aquelles que vivem nas vizinhanças de grandes rios, empregam-se principalmente em pescar;

outros em caçar. Enquanto os homens andam empregados nestes trabalhos, as mulheres andam mui diligentes em preparar as materias de que fabricam os pannos de algodão. Primeiramente prepararam o algodão para se fiar, é depois fiam-o em rocas: a tecedura pertence aos homens. Depois do panno tecido, torna para as mãos das mulheres, que o tingem de huma côr azul mui bella e firme, composta do seu proprio indigo. Tambem os vestidos que d'elle fazem sam cosidos com agulhas fabricadas no paiz.

“ Como as artes de tecer, tingir, coser, &c. sam faceis de aprender, aquelles que as exercem não sam considerados na Africa como artifices de alguma d'estas profissões exclusivamente; porque a maior parte dos escravos sabem tecer, e todos os rapazes sabem coser. Os unicos artifices que pelos negros sam reputados como taes, e que se prezam de exercer hum ramo particular de industria, sam os fabricantes de coiros, e de ferro. Os primeiros chamam-se *karrankeas*; ha-os em quasi todas as terras, e viajam frequentemente pelo paiz, a exercer o seu officio. Curtem e preparam coiros com muita expedição. Dos coiros de bezerro fazem principalmente sandalhas; e das pelles de carneiro, e cabra, fazem bainhas para espadas e facas, cinturas, bolças, e varios outros trastes e adornos. As pelles sam, commumente, tingidas de encarnado ou amarello.

“ O fabrico do ferro não he tam extenso como o dos coiros; mas parece que o tem estudado com igual diligencia. Os negros vizinhos das Costas, como se supprem de ferro da Europa, nunca emprehem manufacturá-lo elles mesmos; porém, nas partes do interior fundem e fabricam este artigo, não só em quantidade sufficiente para se supprirem de armas e ferramentas, mas tambem para commerciareem com os Estados vizinhos. Quando estive em *Camalia*, havia alli huma fundição de ferro, a pouca distancia da cabana em que eu assistia, e nem o dono, nem os seus trabalhadores faziam segredo algum das suas operações; de sorte que promptamente me admittiram a examinar a fornalha, e a ajudá-los a quebrar a pedra do ferro.”

“ A maior parte dos ferreiros Africanos sabem derreter o ouro, como tambem extendé-lo em fio, e fazer d'elle huma grande variedade de enfeites e adornos, alguns d'elles executados com muito engenho e bom gosto.” Não será necessario fazer mais extractos de M. Park, nem recorrer ao Livro de Evidencia, impresso por ordem do Parlamento Inglez [e cujo conteudo concorda perfeitamente com

os sentimentos de M. Park] para refutar o malicioso argumento dos traficantes Europeos, ‘ que os Africanos sam creaturas de outra especie.’ Temos mostrado que elles sam gratos para com os seus bemfeitores; que guardam fidelidade aquelles que os empregam; que amam a verdade; que possuem todos os sentimentos brandos e humanos da nossa natureza; que sam capazes de conduzir o governo civil; que possuem cidades de grande commercio, rodeadas de hum paiz bem cultivado; e que exercem naõ só os trattos e officios communs e ordinarios, mais ainda aquelles para que se requer engenho e talento. Se pois os Africanos possuem, em commum com os Europeos, caracter moral e intellectual, quem haverá que se atreva a negar-lhes os direitos de homens, a naõ serem os contractadores de escravos?

. Havendo pois refutado aquelle perverso argumento, passaremos a outra asserçaõ que anda juncta com elle; que vem a ser, “ que, apezar de haver seculos que se descobrio a Africa, os seus habitantes naõ tem feito progressos em civilisaçaõ, como outros povos.”

Esta asserçaõ, ou pelo menos a metade d’ella parece que já está refutada; porque temos provado satisfactoriamente, que os Africanos tem feito consideravel progresso em civilisaçaõ; e a outra metade perto estara de o ser, se examinarmos o estado moral e politico de outras nações segundo ellas se acham existindo na epoca presente. Olhe-se para os habitantes indigenas das duas Americas, ou antes para os seus descendentes. Olhe-se para a Nova Hollanda, hum paiz tam extenso como a Europa. Olhe-se para Madagascar, Borneo, Sumatra, e as outras ilhas do Mar Pacifico e do Archipelago Indico. Acham-se, por ventura, alguns d’estes paizes num estado de sociedade superior ao dos habitantes do interior d’Africa? Ou antes, naõ está a maior parte d’elles num estado ainda mais barbaro?

Mas poder-se-ha dizer d’esta asserçaõ, que ella naõ comprehende as nações que acabamos de mencionar; mas somente se refere ao progresso da civilisaçaõ em Africa, comparado com a civilisaçaõ na Europa. Pois bem, con cederemos que assim he, e que a isso se reduz a asserçaõ; mas antes de lhes responder, desejaríamos fazer duas perguntas:—Aonde fõram os Europeos buscar as suas luzes superiores? E que meios tem tido os Africanos de as obter semelhantes?

Naõ será necessario, para responder a estas questões, indagar os meios por que a primeira nação civilisada chegou àquelle ponto de superioridade que a fez distinguir sobre todas as outras; bastará para o nosso proposito estabelecer, como axioma authorisado pela historia, que as nações barbaras tem devido a sua civilisação, naõ menos à communicação com outras mais illustradas, doque ao augmento gradual dos conhecimentos dentro de si mesmas. Neste respeito os conquistadores tem muitas vezes sido hum bem para os conquistados: e o commercio, que tem introduzido em paizes menos adiantados negociantes e homens sabios de nações superiores, [nos casos em que a communicação, de parte a parte, tem sido instituida com espirito de equidade] tambem tem contribuido muito para o mesmo fim. O Egypto foi, sem nenhuma duvida, o berçe de todas as sciencias, e comtudo os seus habitantes, segundo refere Herodoto, tinham caras negras, e cabello crespo. A arte de escrever, e os rudimentos das sciencias, passaram do Egypto para a Grecia, que naquelles tempos se achava mais rude e barbara doque a Africa se acha hoje em dia; porque os seus habitantes, segundo consta, sustentavam-se de bolotas, e naõ conheciã o uso do fogo: d'onde se deve inferir; que naõ sabiam da cultura da terra; da maneira de cozinhar os alimentos; nem de muitas outras coisas da primeira necessidade. Entretanto, a Grecia, instruida por aquelles modos, e depois, achando-se em circumstancias favoraveis, veio a conseguir o maior auge de celebridade pelas producções do engenho humano. Da Grecia a civilisação passou à Italia; e Roma, depois que foi senhora do mundo, levou os conhecimentos que havia adquirido, assim nas letras, como nas artes e sciencias, até as partes mais remotas do Globo. A ella he que deve a Hespana, a Galia, a Allemanha, e quasi todas as outras nações da Europa, huma parte da civilisação que hoje se acha nellas.

Porém, que beneficios tem recebido a Africa, d'esta natureza? Tem-lhe resultado alguma vantagem dos seus illuminados conquistadores? He verdade que os Romanos possuiam Colonias em aquelle Continente; porém apenas eram senhores das costas do Mediterraneo: Sabiam tam pouco do interior de Africa, como sabiam da America, que ainda entaõ naõ era descoberta. Hum arrayal extensissimo de trezentas legoas de Norte a Sul, e do dobro de comprimento de L'este a Oeste, lhes vedava toda a communicação

com os povos, que fazem o objecto do nosso discurso. Tambem he verdade que os sectarios de Mafoma, no Seculo decimo quinto, se senhoriaram das provincias Africanas do Imperio Romano; e que algumas das suas Tribus, com o andar dos tempos, penetraram hum pouco no interior do paiz; mas poder-se-há suppôr que resultasse aos naturaes algum beneficio de conquistadores altivos, insolentes, intolerantes e ferozes; sendo elles mesmos ignorantes, se não barbaros, e inimigos de todo aperfeiçoamento das faculdades intellectuaes?

Ainda mais: que beneficio tem resultado à Africa do tracto commercial com as nações mais civilizadas que ella? Nenhum, absolutamente. Verdade he que tem mantido relações, a que chamam commerciaes, com individuos, não só pertencentes a nações illuminadas, mas que até se chamam Christãos; porém, que individuos tem sido? *Negociantes de Escravos*: tem sido monstros, e não homens. A desgraça dos Africanos tem sido, que nunca, des de que o seu paiz foi descoberto [vai em mais de trezentos annos] pode dizer-se que foi vizitado por outras pessoas senão as d'esta qualidade. Como haviam elles pois de adquirir civilisação com taes visitas? Se bandos de piratas e ladrões aportassem numa ilha, e usando de suas manhas superiores, se empregassem em seduzir e incitar huma parte dos seus habitantes para atraiçoar e destruir a outra, armando os pais contra os filhos; os amigos huns contra os outros; e além d'isso trabalhassem por corromper todas as bôas instituições que lá houvesse, para as converter em instrumentos de injustiça; se tal succedesse, perguntariamos nós, se a civilisação d'aquelles ilhéos, por mais adiantada que estivesse, não pararia logo? e a continuar o mal por muitos annos, se não haveria de retrogradar? Pois assim he que tem succedido com a Africa. A natureza das suas relações com a moderna Europa, tem tendido constantemente a degradá-la e desmoralisá-la; e em vez de lhe causarem beneficio, como devia ser, tem-lhe servido de maldicção. Ora d'aqui nasce o phenomeno que mencionamos como problema, no capitulo precedente. Se nos proposeremos traçar os progressos do melhoramento da raça humana, havemos de achar, que nas bordas dos rios navegaveis, e juncto às praias de mar, por serem as mais frequentadas, foi onde primeiro começou a civilisação, e d'alli se espalharam as luzes e os conhecimentos para o interior. O contrario porém já temos visto que

succede em Africa. Os povos que lá ha mais civilizados, sam os que habitam no interior; ao mesmo tempo que os das praias sam comparativamente barbaros. Que he pois o que pode ter occasionado esta notavel differença? Esta apparencia tam contraria aos testemunhos da historia, e à experiencia dos seculos? Poder-se-ha dar melhor razão doque esta; que os primeiros por acaso tem visto huma pessoa branca; emquanto os outros já vai em tres seculos que se acham em tracto constante com os Europeos!

Portanto, se o Commercio dos Europeos com os Africanos tem sido pernicioso a estes, assim no que respeita a moral, como a perfeição intellectual; se os effeitos d'este commercio e relações com a Europa tem sido, não comunicar luzes, mas extingui-las; não melhorar, mas sim depravar os costumes, e o caracter dos Africanos? Como se poderia esperar que elles tivessem, feito progressos em civilisação, iguaes aos dos povos da Europa! Com que cara podem os defensores do traffico produzir o argumento, de "que os Africanos sam gente de huma especie inferior," quando elles mesmos sam a causa da sua degradação? Até o mencionarem similhante argumento, he huma prova da sua propria vileza; e como he o unico que pareceria poder justificar a sua conducta, porisso o temos refutado, com quanto nos parece sufficiente para demonstrar, que elle he tam falso como perverso. Lisongeamos-nos pois de ter demonstrado que os Africanos tem feito progressos na vida civil, tantos como outros povos poderiam ter feito em circumstancias igualmente crueis e desgraçadas; e que agora mesmo se acham elles num estado de civilisação superior ao de muitas outras nações, sejam do Continente da America, ou da Asia, ou das ilhas do Oceano Indico. Se com elles se tivesse usado, sequer, de equidade; se communicassem com gente honesta e virtuosa, em vez de Europeos avaros e deshumanos; se o commercio que se faz com elles fosse licito e honrado, em vez de hum traffico infame e sanguinario; que dùvida haveria, ou que impedimento, para os Africanos serem contados hoje em dia entre as nações civilizadas do mundo?

CAPITULO III.

Da maneira de conduzir os Escravos aos navios dos Mercadores Europeos.

CUMPRE agora, depois d'esta longa digressão, que tornemos à história do traffico.

Iá vimos no primeiro Capitulo, os differentes modos por que os desgraçados negros sam feitos escravos no seu proprio paiz. Contaremos agora o modo por que sam conduzidos aos navios Europeos.

Aquelles que sam feitos escravos nas vizinhanças dos rios, ou das bordas do mar, tem, geralmente, mui pouco para andar. O modo por que os trazem he a pé, e algemados; ou embarcados em canôas, onde vem amarrados e deitados de costas no fundo da embarcação.

Os que sam feitos escravos no interior do paiz, tem longa jornada que fazer, e muitas vezes succede que dura mèses. Fazem-os igualmente conduzir a pé, por sima de penhascos e arêas ardentes, a través de desertos, e outros lugares inhospitos. Os commerciantes pretos que os conduzem aos Europeos, esperam de ordinario por ajunctar hum numero sufficiente, que lhes mereça o trabalho de empregar a jornada; e em estando promptos, põem-se a caminho, mercadores, escravos, jumentos, e guardas, todos junctos num só bando. A estas reuniões de homens, animaes, e mercadorias, para viajarem junctos, chama-se lá *Coffles*; (ou *Cafilas*) e estas frequentemente sam augmentadas no caminho por outras que se lhes reúnem. Como M. Park viajou em Cafila, e he talvez o unico Europeo que jámais tal fez, he d'elle, e somente d'elle, que devemos procurar informações sobre este desagradavel objecto.

Informa-nos M. Park, que hum tal *Karfa* tinha reunido em *Cama-lia* hum numero de escravos sufficiente para formar huma Cafila; e diz-nos tambem, que elle mesmo conversàra com elles. "Todos elles eram mui indagadores," diz M. Park, "porém ao principio olhavam para mim com horror; e muitas vezes me perguntaram, se no meu paiz comiam a gente. Tinham muito desejo de saber o que se fazia dos escravos, depois de atravessarem a agua salgada. Eu dizia-lhes que os empregavam em cultivar a terra; porem não me acreditavam; e

hum d'elles disse-me huma vez, com muita simplicidade, pondo a mão no chão; ‘tendes vós lá na realidade hum terreno como este em que pôr os pés? A idéa que tem os pretos, de que os brancos os comprem para os devorar, ou vendé-los a outros para o mesmo fim, fá-los naturalmente contemplar com horror a viagem para a Costa; e por isso os *Slatees* vem-se obrigados a té-los constantemente em ferros, e a vigiá-los mui de perto, para prevenir que não se excapem. O modo ordinario de os segurar, he prender a perna direita de hum e a perna esquerda de outro com a mesma algema; e assim caminham, posto que de vagar, suspendendo os ferros com huma corda. Além d'isto, tem-os quatro e quatro presos pelo pescoço com huma corda mui forte, feita de coiros retorcidos; e de noite, põem-lhes mais hum par de algemas nas mãos; e às vezes ainda huma pequena cadêa à roda dos pescoços.”

Finalmente, chegou a manhã da partida, e M. Park havia de partir com elles. A primeira coisa que os *Slatees*, ou mercadores, fizeram, foi tirar os ferros aos seus escravos; isto he, àquelles que estavam junctos diante da porta de *Karfa*. Dapois d'isso, amararam os differentes fardos de mercadorias, e distribuiram a cada escravo a carga que havia de levar. “Quando nos posêmos em marcha,” diz M. Park, “vieram-nos acompanhando, por mais de meia milha, muitas pessoas de *Camalia*, huns chorando, e outros apertando as mãos com os seus amigos e parentes, de quem se hiam separar para sempre. Como muitos dos escravos havia annos que estavam em ferros, o exercicio repentino de caminhar depressa, com fardos pesados à cabeça, foi causa de alguns serem atacados de contracções espasmodicas nos nervos das pernas; de sorte que não tinhamos caminhado mais de huma milha, quando lhes foi necessario desprender dois d'elles, e permittir-lhes caminhar mais devagar, até que chegâmos a *Maraboo*, aldêa murada, onde alguma gente estava esperando para se reunir à *Casila*.”

Ao terceiro dia de jornada, diz M. Park, “huma mulher, e huma rapariga, pertencentes a hum *Slatee* de *Bala*, achavam-se tam fatigadas, que não podiam acompanhar a *Casila*; a poder de chicotadas fôram-as arrastrando para diante, até as tres horas da tarde, quando ambas começaram a vomitar, e nisto se descobrio que tinham comido barro. Este he hum costume que os negros tem muito; porém, se nasce de hum appetite estragado, ou de intenção

deliberada de se mattarem, não o posso affirmar. Consentiram-lhes, portanto, que se recostassem no mato, e com ellas ficaram tres pessoas emquanto descançaram; porém à villa de *Kinytakooro* não poderam chegar antes da meia noite; e tam desfallecidas vinham de cançasso, que o Slatee abandonou a idéa de as fazer atravessar os matos naquelle estado, e determinou voltar com ellas para *Bala*, e esperar pela occasião da primeira *Cafila*.”

“Quando entrámos nesta villa, continua M. Park, ‘sendo a terra primeira, ou fronteira, que se encontra, passados os limites de *Mandinga*, observou-se maior etiqueta que de costume. Mandaram-nos postar a todos em ordem conveniente, e marchámos para a villa, numa especie de procissão, pouco mais ou menos, d’esta forma. Em frente, cinco ou seis cantores, todos elles pertencentes à *Cafila*; a estes seguiam-se todas as pessoas livres: depois, vinham os escravos amarrados, como he costume, huns aos outros pelo pescoço, quatro e quatro: atrás d’estes seguiam-se os escravos domesticos; e na trazeira vinham as mulheres de condição livre, mulheres dos Slatees, &c.”

De *Kinytakooro* começou a *Cafila* a atravessar os desertos de *Jallonka*, e, tendo passado os rios *Wonda* e *Co-Meissang*, fez alto aquella noite em huma espessa mata. Na manhã seguinte continuou o seu caminho; e as occorrencias d’este e do seguinte dia dá-las-hemos nas proprias palavras de M. Park:—“24 de Abril. Antes de amanhecer, os *Bushreens** rezaram as orações da manhã, e quasi todas as pessoas livres beberam hum pouco de *moening*, (specie de caldo de farinha) de que tambem deram algum aos escravos, que pareciam menos em estado de aguentar o trabalho do dia. Huma das escravas de *Karfa* estava amuada, e, quando se lhe offereceo o caldo, não o quis tomar. Assim que amanheceo, posèmos-nos a caminho, e andamos toda a manhã por sima de penhascos e matos bravos, que muito me magoaram os pés, e estava eu com muito receio de não poder acompanhar a *Cafila* todo o dia; porém esse medo perdeu em parte, quando percebi que outros lá hiam mais fatigados doque eu. Particularmente a escrava, que tinha recusado o sustento pela manhã, começou a ficar para trás, e a queixar-se muito de dores nas pernas. Tirou-se-lhe o carregó que

*Nome dos Mahometanos Ministros da Religião em Africa.

levava, deo-se a outro escravo; e mandaram-a marchar na dianteira. Pela volta das onze horas, estando nós a descansar aopé de hum regâto, alguns da companhia descobriram hum enxame de abelhas na toca de huma arvore, e preparavam-se para lhe saccar o mel, quando sahio da arvore huma nuvem de abelhas como eu nunca vira, e começando a investir com á gente da *Cafila*, fez-nos fogir para todos os lados. Eu fui o primeiro que me apercebi do perigo, e creio que a unica pessôa que escapou impune. Quando as abelhas quizeram deixar de nos perseguir, e cada qual se occupava em arrancar os aguilhões que tinha recebido, reparou-se que a pobre mulher, de que assima fallâmos, que se chamava *Nealee*, não tinha fogido comnosco; e como muitos dos escravos, na sua retirada, tinham deixado atrás os fardos, foi necessario que alguns voltassem a hirbuscá-los. Para isto se fazer com segurança, lançou-se o fogo ao feno, a huma grande distancia do enxame, da parte de l'Este; e ao passo que o fogo lavrava em grande furia com o vento, avançavam os homens por entre o fumo, e assim he que recobraram os fardos. Da mesma forma, trouxeram consigo a pobre *Nealee*, que acharam extirada aopé do regato. Como estava mui fraca, tinha-se achegado para a borda da agua, para se defender das abelhas, deitando-a por sima do corpo; mas isso de nada lhe valeo, porque estava mordida horrivelmente.

“ Depois que os *Slatecs* lhe arrancaram os aguilhões, tanto quanto poderam, lavaram-a com agua, e esfregaram-a com folhas pisadas; porém a desgraçada mulher oppôs-se obstinadamente a continuar a jornada, declarando que antes morreria doque dar mais hum passo. Como rogos e ameaças de nada valiam, applicou-se-lhe finalmente o chicote, e depois de levar pacientemente humas poucas chicotadas, levantou-se, e caminhou com sufficiente desembaraço, quatro ou cinco horas mais; e entãõ, querendo fazer huma tentativa para fogir da *Cafila*, estirou-se na relva, por estar mui fraca. Ainda que a pobre creatura não podia levantar-se, naobstante, applicou-se-lhe segunda vez o chicote; mas sem effeito. A'vista do que, mandou o *Karfa* a dois dos *Slatees*, que a posessem em sima de hum burro, que levava as nossas provisões seccas; porém, não podendo ella ter-se direita, e o burro sendo mui travesso, vio-se que era impracticavel acarretá-la por aquelle modo. Com tudo, os *Slatees*, não tinham vontade de a abandonar, e o dia de jornada estava

quasi acabado: por tanto, fizeram huma especie de liteira de canas de *bamboo*, sobre a qual a poseram, amarrada com tiras de cascas. Esta liteira hia sustentada à cabeça de dois escravos, hum marchando a diante do outro; e a estes seguiam outros dois, que os rendiam de quando em quando. D'este modo foi a mulher conduzida até ser escuro, quando chegámos a huma corrente de agua, nas abas de hum alto monte, chamado *Gankaran Kooro*; e allí parámos por aquella noite, e cuidámos em preparar a cêa. Como não tínhamos comido mais de que hum punhado de farinha des d'a noite antecedente, e tínhamos viajado todo o dia debaixo de hum sol ardentissimo, muitos dos escravos, que traziam carregos à cabeça, estavam mui fatigados, e alguns d'elles haviam quebrado os dedos, o que entre os pretos he signal certo de desesperaçãõ. Os *Slatees* poseram-os immediatamente a todos em ferros; e, aos que tinham dado mostras de desesperados, poseram-os à parte, separados dos outros, e com as mãos atadas. Pela manhã acharam-se com melhor apparencia.

“25 de Abril. Ao romper da manhã, accordaram a pobre *Nealee*; porém tinha os nervos tam enrijados e doridos, que nem podia andar, nem ter-se em pé. Levantaram-a portanto como a hum cadaver, poseram-a sobre o jumento, e pretenderam segurá-la prendendo-lhe as mãos por baixo do pescoço do animal, e os pés por baixo da barriga, com corrêas de cascas; porém o jumento era tam travesso que, por mais trattos que lhe fizeram, não se conseguia fazê-lo caminhar com a carga: e como *Nealee* tambem não fazia esforço algum para se segurar, pouco tardou que a não atirasse fõra; de que lhe ficou huma perna mui pisada. Vendo-se pois que não havia meio algum de a levar para diante, o grito geral da *Cafila* foi ‘*kang tegi, kang tegi*’, cortem-lhe o pescoço, cortem-lhe o pescoço; mas eu, que não queria presenciar semelhante operaçãõ, marchei d'allí, e fui para a dianteira da *Cafila*. Não tinha andado huma milha quando chegou hum dos servos do *Karfa*, com o fatto de *Nealee* pendurado na ponta do arco, e dizendo em voz alta, ‘*Nealee affeeleeta*’ (*Nealee* acabou.) Perguntei-lhe eu, se os *Slatees* lhe tinham dado o fatto d'ella em premio de lhe cortar o pescoço? respondeo-me que o *Karfa*, e o Mestre da Escõla, não consentiram que isso se lhe fizesse; mas deixaram-a no caminho, onde, sem duvida acabaria cedo, e provavelmente devorada pelas feras.”

No que se passou nas jornadas da *Cafila* des de 25 de Abril até 3 de Maio, não faz M. Park menção alguma dos escravos; porém neste ultimo dia reunio-se-lhes outra *Cafila*, pertencente a alguns mercadores de *Serawoolli*, e concertaram de hirem junctas até *Baniserile*, capital de *Dentila*. “Por conseguinte, ‘diz M. Park,’ caminhámos todos, e com grande expedição, por entre o mato, até o meio dia, quando hum dos escravos de *Serawoolli* deixou cahir o carregio que levava à cabeça; pelo que foi bem fustigado. Tornaram-lho a pôr à cabeça, e, antes de andarmos huma milha, tornando-o a deixar cahir, foi novamente castigado. D’alli por diante continuou a andar com grande custo, até a volta das duas horas, quando parámos hum pedaço para respirar, juncto a hum lago, por estar o dia excessivamente quente. O pobre escravo estava por tal forma esfalfado com fadiga, que o dono se vio na precisaõ de o desprender da corda, pois jazia por terra sem dar movimento de si. Ficou portanto com elle hum *Sarawoolli*, para ver se o podia trazer até a villa (*Baniserile*) durante o fresco da noite. No entanto, continuámos nós o caminho, e depois de huma jornada mui forçada, chegámos là à noite. Pela volta das oito horas, chegou o *Sarawoolli*, e disse-nos que o escravo tinha morrido: a opiniaõ geral, comtudo, foi de que elle o tinha mattado; ou que o tinha abandonado à morte no meio do caminho.”

Do dia 30 de Maio nos conta M. Park outra anecdota mui tocante, nas seguintes palavras. “Chegámos a *Jalacotta*; e aqui hum dos escravos pertencentes à *Cafila* e que tinha feito a jornada com muito custo nos ultimos tres dias, achou-se em estado de não poder hir mais para diante. O dono (que era hum cantor) propôs a hum dos moradores da villa trocar-lho por huma rapariga pequena. A pobre rapariga ignorava a sorte que hia ter, até pela manhã quando se amarraram as trouxas, e a *Cafila* se pôs prompta para partir. A este tempo, vindo ella com outras raparigas a ver partir a *cafila*, seu dono pegou-lhe pela mão, e entregou-a ao cantor. Nunca hum rosto sereno se vio mudar com tal repente num ar de profunda afflicção. O terror que mostrou ao pôrem-lhe o carregio à cabeça e a corda ao pescoço, e a mágoa com que se despedio das suas companheiras, excitavam a maior compaixão.”

Depois d’isto continuou-se a jornada até o dia 5 de Junho, em que chegaram a hum lugar, chamado *Jindey*. Havia naquella occasião

hum mercado de escravos à borda do rio *Gambia*, a piquena distancia de *Jindey*; mas fazendo-se ainda entã poucas vendas, assentou-se em esperar alguns dias pela força do mercado. Aqui porém M. Park, estando ansioso por voltar à Europa, despedio-se dos seus companheiros de viagem. A descripção que elle faz d'aquelle acontecimento he mui interessante, ou por extremo interessante, para que deixemos de a referir: e como está por elle mui bem feita dá-la-hemos nas proprias palavras do author.

“ Porem, ‘ diz elle, ’ ainda que via agora aproximar-se o fim da minha abhorrecida e trabalhosa viagem, e esperava, em mais hum dia, tornar a ver os meus amigos e compatriotas, comtudo, naõ podia apartar-me pela ultima vez d'aquelles infelizes companheiros (condennados, como eu sabia que muitos eram, a captiveiro e escravidãõ perpetua em terras alhêas) sem me enternecer muito. Durante huma peregrinaçãõ enfadonha, de mais de quinhentas milhas Inglezas, expostos ao sol ardentissimo dos tropicos, aquelles pobres escravos, no meio das suas penas muito maiores, ainda tinham commiseraçãõ das minhas; e muitas vezes, de seu proprio accordo vinham trazer-me agua, para mattar-me a sede; e, em vindo a noite, ajunctavam ramos e folhas para me fazerem huma cama no deserto. A nossa separaçãõ foi com bençãos e ternura de parte a parte. Orações e bons desejos era tudo o que eu lhes podia dar; e de alguma consolaçãõ me servio, o expressarem-me elles o sentimento que tinham por mim mesmo, de eu mais naõ ter que dar.”

Como M. Park se apartou da *Cafila* em *Jindey*, naõ temos meios de dar mais noticia d'ella; nem o julgamos necessario; porque, tendo vindo com os escravos, que a compunham, até huma jornada de distancia do rio *Gambia*, facil he imaginar, pela descripção que já temos dado, o que poderia occorrer em tam piqueno intervallo: e pode-se por tanto considerar que deixãmos os escravos a bordo dos navios.

CAPITULO IV.

Da maneira de transportar os Escravos para as Colonias. Do mào effeito moral que tem este commercio sobre as pessôas empregadas no transporte.

TEMOS acompanhado os infelizes escravos Africanos, desde o interior do seu paiz até ao lugar do embarque. Principiam agora novas scenas. Os mercadores pretos que alli os conduzem, vendem-os aos Europeos; e desde este periodo continuaremos a acompanhá-los. Contaremos agora o que passam nas viagens através do Oceano, e qual he a sua condiçãõ debaixo do poder dos seus novos donos.

As differentes testemunhas, que fôram examinadas pelo parlamento Inglez, todas concordam em que os escravos, quando vam para bordo dos navios, vam tristes e abatidos, e assim continuam por algum tempo, e alguns d'elles por toda a viagem; e que toda a tristeza lhes provêm de paixaõ, por se apartarem da sua patria, das suas familias, e dos seus amigos.

Depois de chegarem a bordo, os homens sam postos em ferros, aos pares, a perna direita de hum com a perna esquerda de outro; e d'este modo, dois a dois, os fazem hir para baixo, para o lugar, ou prisaõ que lhes he destinada na capacidade do navio. As mulheres, e creanças vam para lugar differente; porém não lhes deitam ferros.

Quando faz bom tempo, saccam-os das prisões para virem tomar ar e comer em sima da coberta. Para isto distribuem os homens em longas fileiras, da pôpa à prôa, de ambos os lados da coberta; mas, para acautelar que elles se não levantem contra a tripulaçãõ, ou se atirem ao mar, passam-lhes huma cadêa pelos ferros de cada par de escravos, a qual prendem em ambas as extremidades da embarcaçãõ.

Quando o navio vai cheio, he desgraçada a situaçãõ da pobre gente. Nos mais bem regulados navios, a hum homem feito não lhe concedem mais espaço, para estar deitado, doque dezeseis polegadas de largo, que regula pelo espaço que hum defuncto occupa no caixaõ, e dois pés e oito polegadas de vão de altura. Porém não ha muitos navios em que se lhes conceda este pouco lugar; porque, em muitos d'elles, os escravos sam obrigados a deitarem-se de lado,

e nenhum se pode assentar direito por falta de vão. Além d'isto vam nus, e nada tem sobre que se deitem, senaõ o proprio taboado: por cujo motivo muitos padecem cruelmente com o movimento do navio, causando-lhes pisaduras em diferentes partes do corpo, e chagas nas pernas com o jogar dos ferros.

Porém, o peor estado de todos he quando faz mào tempo, e o vento, soprando com impetuosidade, faz necessario tapar as escotilhas. O que elles entaõ padecem naõ ha lingua que o possa exprimir. He ouví-los muitas vezes, em taes occasiões, gritar na sua propria lingoa "accudam-nos, que morremos." Os vapores que se exhalam, a este tempo, de tantos corpos, e que transpiram pelas gretas das escotilhas, dizem os que tem observado, que parece o vapor que sahe de hum forno. A muitos desmaiados com o calor, mào cheiro, e ar corrupto, trazem-os para sima da Coberta em estado moribundo; e a outros, tiram-os já mortos de suffocaçãõ, tendo estado vivos e em perfeita saude poucas horas antes.

Por muito horrivel que esta narraçãõ pareça, asseveramos, da maneira mais solenne, que omittimos muitas circumstancias*, que a fariam ainda mais nojosa; e no que temos referido havemos tido a cautella de nos conter nos limites da verdade. He possivel contudo, que algumas pessôas tenham repugnancia a dar-nos credito; e por isso, quando taes houver, pedimos-lhes que examinem a estampa annexa, que representa o feitio e dimensões dos lugares para os escravos, do navio de escravatura Inglez chamado Brookes. Estas medições fôram tomadas por ordem do Parlamento. Rogamos pois que lhe prestem a devida attençãõ; e dem-nos credito como entenderem que merecemos.

Pés e Polegadas
Inglézas.

A A	Comprimento da Primeira Coberta, Escotilhas, e Anteparas	100	0
B B	Largura do vão da Primeira Coberta	25	4

* Veja-se a Evidencia produzida perante o Parlamento Inglez, nos casos em que os Escravos, sendo atacados de molestias contagiosas, especialmente da que chamam *fluvo*, diz huma testemunha, que "os sobrados da prisãõ estavam cobertos de sangue e de muco, que pareciam hum matadouro."

		Pés e Polegadas Inglezas.	
O O O	Profundeza do Poraõ, de sobrado a sobrado	10	0
	Altura do vão entre Coberta a Coberta.....	5	8
C C	Comprimento da repartição dos homens, ou prisaõ, sobre a primeira Coberta	46	0
	Largura da rapartição dos homens C C, na pri- meira Coberta	25	4
D D	Comprimento da Plataforma na repartição dos ho- mens	46	0
	Largura da Plataforma na repartição dos homens, de cada lado	6	0
E E	Comprimento da repartição dos rapazes... ..	13	9
	Largura da repartição dos rapazes	25	0
F F	Largura da Plataforma na repartição dos rapazes..	6	0
G G	Comprimento da repartição para as mulheres	28	6
	Largura da repartição para as mulheres	23	6
H H	Comprimento da Plataforma na repartição para as mulheres	28	6
	Largura da Plataforma na repartição para as mul- heres	6	0
I I	Comprimento da Praça d'Armas sobre a primeira Coberta	10	6
	Largura da Praça d'Armas na primeira Coberta ..	12	0
K K	Comprimento do Castello da Popa	33	6
	Largura do Castello da Popa.....	19	6
L L	Comprimento da Camera	14	0
	Altura da Camera	6	2
M M	Comprimento da meia Coberta	16	6
	Altura da meia Coberta.....	6	2
N N	Comprimento da Plataforma sobre a meia Coberta .	16	6
	Largura da Plataforma sobre a meia Coberta.....	6	0
P P	Convés.		

Supponhamos agora, que estas sam as verdadeiras dimensões do navio Brookes; e concedamos a cada escravo, homem feito, o espaço de seis pés em comprimento, sobre hum e quatro polegadas de largura; (medida Ingleza;) a cada mulher feita, cinco pés e dez pole-

gadas, sobre hum pé e quatro polegadas; para cada rapaz cinco pés sobre hum pé e duas polegadas; e para cada rapariga, quatro pés e seis polegadas, sobre hum pé: segue-se que o numero de escravos que está representado na estampa annexa, he o numero exacto, nem mais nem menos, que o navio podia conter sobre estes dados. Se os contarmos (deduzindo as mulheres, arrumadas nos numeros 6 e 7, sobre o espaço Z, lugar que pertence aos marinheiros) havemos de achar que o numero sobe a 451 escravos; e que não he possivel fazer lugar para mais hum unico individuo. Considerando-se porém que o Brookes era hum navio de 320 toneladas, e que pela ley lhe era permittido carregar somente 454 pessoas, e não mais, fica claro que se accrescentarmos mais tres aos que estão representados na estampa, esse seria exactamente o numero que a ley lhe permittia. Portanto, a estampa annexa falla por si mesma, e mostra que não temos exaggerado as angustias que padecem os escravos por falta de ar e de accommodação; porque, se 451 escravos, distribuidos pelos differentes repartimentos do navio Brookes, enchem todos os sobrados e plataformas, tocando-se com os corpos huns aos outros; quam desgraçada não devia ser a situação d'aquelles infelizes antes da ley em que vimos de fallar, quando este mesmo navio, como se sabe pela Evidencia, era acostumado a carregar 600 escravos! E quam desgraçada não deve ser ainda hoje mesmo a sua condição naquelles navios d'Europeos, cujos Governos não tem feito leys regulamentarias sobre este particular, e lhes deixam a liberdade de receber e arrumar os escravos, conforme a discreção dos donos e a sua avareza lhes quiserem dictar!

A'vista d'estes trattos que soffrem os pobres Africanos, sem os provocarem nem os merecerem não será estranho ouvir dizer que elles, algumas vezes abordo dos navios, se lembram de rebellar-se contra os seus oppressores: sendo homens como os outros, e dotados dos mesmos sentimentos. Existe no homem hum desejo natural de se evadir á dôr, e não raras vezes traz esta consigo o desejo da vingança. Sam pois aquelles attentados reprehendidos frequentemente. Porém os novos donos d'aquelles infelizes, que bem sabem os crimes de que sam culpados, e qual deve ser o resentimento das suas victimas, tomam quantas precauções sam possives, para lhes não deixarem probabilidade alguma de serem bem succedidos. Ordinaria-

mente constroem tranqueiras mui fortes guarnecidas de canhões, de tal maneira que, emquanto os que se lhes apresentam por diante podem ser destruidos, não causam dano algum aos que ficam da banda de dentro. A pezar d'isso, os escravos já tem feito ataques desesperados contra ellas: ataques que, se fossem nos Exercitos Romanos, ou nos modernos haveriam de ser recompensados com as maiores distincções e honras militares; e que as paginas da Historia haveriam de perpetuar com admiração, se fossem feitos por homens livres. He verdade que algumas vezes tem sahido victoriosos de similhantes empresas, e assassinado a tripulação inteira dos navios; porém, das vezes em que o não tem sido, horrorisamos-nos de descrever a barbaridade dos tormentos com que os tem castigado.

Como pois os escravos em geral, não se acham em estado de repellir o mão tractamento, a unica esperança que lhes resta para escapar às miserias da vida, he na morte; isto he, mattando-se a si mesmos, quando alguma oportunidade se lhes offerece; e aproveitam-a com huma avidéz que parece incrível. O modo mais ordinario que elles buscam he o de deitar-se ao mar; porém, tambem esta escapatória lhes não he facil; porque os homens, não só estão presos com huma cadêa à Coberta, como já dissêmos, mas tem-lhes a embarcação guarnecida de trincheiras de ambos os lados, que se elevam desde a coberta até huma certa altura dos aparelhos. E todavia estas precauções nem sempre bastam; porque muitos exemplos ha de se elles atirarem ao mar.

Porém, se d'este modo elles vem que não podem conseguir o seu objecto, nem por isso abandonam a esperança de o poder verificar de alguma outra maneira. A maior vigilancia da banda dos oppressores não pode sempre embaraçar-lhes os meios. Quando podem apanhar huma corda, que se deixa por descuido em alguma parte do navio, ainda mesmo no seu proprio lugar, tem succedido, por vezes, achar-se algum pendurado nella, mulheres particularmente; tambem se acham instrumentos de ferro, ou quaesquer pedaços quebrados, aproveitam-os para se fazerem feridas mortaes. Outros, que não tem encontrado alguma d'estas oportunidades, tem adoptado a resolução de não comer, e de se mattarem à fome; e apezar de todas as diligencias que se costumam fazer como *speculum oris* para lhes introduzirem o sustento pela bocca abaixo, não se tem conseguido às

vezes nada até o decimo ou undecimo dia, em que a final acabam os tormentos com a morte*.

Pelo que respeita a outros escravos, principalmente mulheres, por serem mais delicadas de corpo, e apprehensivas de espirito, não tendo a mesma resolução que os homens, vam penando em tristeza e afflicção continuas, até que endoudecem, e passado algum tempo, morrem.

Taes sam as differentes scenas que se vam reproduzindo nos diversos navios de escravatura, des de que deixam a costa da Africa até que chegam às Colonias. Durante este intervallo, bem se pode suppôr que haõ de morrer muitos dos escravos. Insurreições; Suicidios; Doenças (muitas das quaes procedem de afflicção de espirito;) Passagens repentinas do calor para o frio; Immundice; mãos Cheiros; Ar corrupto, e cruel Tractamento; todo isto contribue para lhes reduzir o numero. Consta da Evidencia de testemunhas respeitaveis, examinadas pelo Parlamento Inglez, que de 7904 escravos com que por differentes vezes se tinham feito à vela, morreram 2053, isto he, huma quarta parte d'elles, no curto espaço de seis ou oito semanas; apezar de serem todos moços†, e em bom estado de saude quando os trouxeram para bordo!! Que destruição voluntaria da raça humana!! que impia rebelliaõ contra o querer da Providencia na Creação do mundo!!! Se o resto da humanidade morresse nesta proporção, todos os habitantes do mundo seriam extinctos em poucos annos.

Depois de termos feito a relação dos tormentos, que padecem os infelizes que sam o objecto d'este traffico, nas suas respectivas viagens, não deveriamos deixar de mencionar o mão effeito moral e depravação de character que igualmente produz nas pessoas que andam empregadas nelle. Será possivel suppôr, que homens possam presenciar as scenas que acabamos de descrever, sem elles mesmos se tornarem selvagens? Não se pode duvidar que, ao principio, os noviços no traffico, haõ de precisar em muitas occasiões de suffocar

* Esta violação das leys de Deus commettida por aquelles infelizes, he mais hum crime de que sam a causa os trafficantes Europeos, e que deve cahir sobre suas cabeças.

† Os escravos de mais idade poucas vezes excedem 25 annos.

os proprios sentimentos de humanidade; mas a repetição d'estes esforços contra os sentimentos do coração, torna os individuos a final indifferentes e completamente reconciliados com o que vem e com o que fazem. Os seus corações tornam-se empedernidos; e isto he o que costuma succeder aos executores da justiça. Quando entram no officio sentem a maior repugnancia para elle; mas por fim practicam-o com toda a indifferença. As mulheres, em Roma, acostumavam-se gradualmente aos combates dos gladiadores, até que vinham a aclair divertimento nelles. He pois d'este modo que se transformam os corações d'aquelles que andam pessoalmente empregados no traffico da escravatura. Acostumam-se gradualmente a ver crueldades, e a fazé-las com a mesma indifferença. Tam pouco se lhes dá dos tormentos que padece hum seu semelhante, a quem elles compram, como se lhes daria dos que soffresse qualquer animal. Não tem respeito pela conservação das vidas humanas, senão emquanto d'ahi lhes resulta interesse; e até sam capazes de as sacrificar por mero divertimento. Depois de terem perdido todos os principios de benevolencia, que originalmente existem na natureza humana, tornam-se monstros, e não ha especie de maldade que elles não sejam capazes de perpetrar com sangue frio. Para prova do que avançamos bastarão os seguintes casos:—

Hum navio Inglez, com perto de 400 escravos a bordo, tocou num baixo, a meia legoa distante das *Morant Keys*, (nome de tres pequenas ilhas situadas a onze legoas de *Jamaica*.) Os officiaes e a tripulação; não podendo salvar o navio, metteram-se nos botes, e levando comsigo as armas e as provisões, chegaram a salvamento a huma das dictas ilhas. Aqui passaram a noite; e pela manhã descobriram que o navio se não tinha despedaçado, e que os escravos homens, tendo podido libertar-se dos ferros, haviam feito jangadas em que poseram as mulheres e as creanças. Passado algum tempo observaram que as jangadas se vinham encaminhando para a pequena ilha onde elles estavam, e os homens nadando dos lados. Deixaram-os aproximar quasi aopé da praia, e começando a fazer hum fogo continuo sobre elles, mattaram entre trezentos e quatro centos. O resto, em numero de 34, foram feitos prisioneiros, e vendidos em *Kingston*, na *Jamaica*.

A bordo de hum navio estrangeiro, chamado *Zong*, muitos dos escravos tinham morrido, e a mortandade hia-se espalhando com

tanta rapidez, que era impossivel saber onde pararia. O Capitaõ, receando de perdé-los todos, adoptou a diabolica resolução de apartar aquelles que estavam mais doentes, e de os lançar ao mar; persuadido de que, se elle podesse allegar a necessidade da medida, a perda dos escravos naõ recahiria sobre os donos, mas sim sobre os seguradores. A razaõ que elle pertendia allegar era a falta d'agua; apezar de que, nem aos marujos nem aos escravos se tinha ainda encurtado a razaõ. Fundado pois, como elle imaginava, nesta invencivel desculpa, começou a executar o seu intento, e apartou cento e trinta e dois dos mais doentes. D'estes, 54 fõram immediatamente lançados pela borda fóra, e 42 no dia seguinte. Mas a este tempo, como se a Providencia lhe quisesse reprovar claramente a sua mà tençaõ, quitar-lhe a desculpa que meditava para sacrificar o resto, e exhibir huma prova contra elle, sobreveio logo huma pancada de chuva, que durou tres dias. Naobstante isso, os restantes 26 foram trazidos para a coberta para o mesmo fim. Os primeiros 16 submeteram-se a serem lançados ao mar; porém os outros adoptaram a nobre resolução de naõ consentirem que algum da impia tripulaçaõ lhes tocasse no corpo; mas saltaram elles mesmos atrás dos seus companheiros. D'este modo foi perpetrado à luz do dia hum feito que naõ tem igual na memoria dos homens, nem se encontra outro similhante na historia dos tempos passados: hum feito tam atroz, que se fosse attestado por hum só individuo, naõ se lhe poderia dar credito; mas foi provado perante hum tribunal de justiça, na Casa da Camera da Cidade de Londres, por varios dos individuos que fõram presentes naquella funesta occasiaõ. O resultado d'este processo foi, que a perda recahiu, naõ sobre os seguradores, mas sobre os donos do navio. Cumpre aqui observar, que este horrivel crime foi commettido antes da aboliçaõ do Traffico da Escravatura pela naçaõ Ingleza. Se o tivesse sido depois, naõ só o Capitaõ, mas todos os que tinham tido parte nelle, houveram de hir a enforcar.

Mas a isto poder-se-ha dizer, que os dois actos de barbaridade que acabamos de citar, tiveram lugar ha muitos annos; e que foram perpetrados principalmente por Inglezes. Portanto citaremos outros dois, que sam de data mais recente, e que fõram commettidos por homens de outra naçaõ.

O *Rodeur*, navio Francez de 200 toneladas, sahio do *Havre* a 24

de Janeiro de 1819, e no mês de Março seguinte ancorou no rio de *Bonny*, na Costa d'Africa, onde aportou e recebeu huma Carga de Escravos, em contravenção das Leys de França, sobre a abolição do Traffico da Escravatura. No dia 6 de Abril fez-se à vela com elles para *Guadaloupe*. Pouco depois que sahio do rio, alguns dos escravos, que tinham sido trazidos para a Coberta para tomarem ar, aproveitaram a occasião de se lançarem ao mar; em consequencia do que, o Capitaõ do *Rodeur* fez d'elles hum exemplo terrivel, espingardeando huns e enforcando outros. Isto porém não produzio o effeito desejado; e vio-se que era necessario deixá-los a todos fechados lá embaixo. Passado pouco tempo descobrio-se entre elles huma terrivel ophthalmia, que logo se communicou à tripulação, com tal rapidez e taõ geralmente, que hum só ficou de toda ella com vista para dirigir o navio. A este tempo aproximou-se do *Rodeur* hum navio grande, que parecia andar absolutamente à discreção das ondas e do vento. A tripulação d'este navio, tendo ouvido as vozes da do *Rodeur*, gritou-lhe em altas vozes por succorro; e ao momento que este passava por aopé, disse-lhe que o seu navio era hum navio de escravatura Hespanhol, chamado *S. Leaõ*; e que hum contagio havia ferido os olhos de todos abordo, de sorte que não havia dentro hum unico individuo, marujo ou escravo, que podesse ver. Mas, que! Toda esta narraçãõ foi inutil, porque não havia meio algum de lhe dar succorro! O *S. Leaõ* passou para deante, e nunca mais se soube d'elle. A final, por effeito da habilidade e perseverança do unico homem que conservàra a vista a bordo do *Rodeur*, e por huma concorrência favoravel de circumstancias, chegou o navio a *Guadaloupe* em 21 de Junho. A este tempo, 39 dos escravos tinham cegado inteiramente; 12 tinham perdido somente hum olho; e 14 ficaram com defeito na vista mais ou menos consideravel. De toda a tripulação, que constava de 22 pessôas, 12 tinham perdido a vista, e entre estes o Cirurgiaõ; 5 ficaram cegos de hum só olho, e foi hum d'elles o Capitaõ; e 4 ficaram com defeito.

Agora, que pensa o leitor que foi a primeira coisa que fez o Capitaõ e a tripulação de *Rodeur*, quando acharam que hiam a entrar num porto seguro? Sem dũvida julgarã que se poseram a dar graças a Deus, por se terem salvado maravilhosamente. Mas engana-se se assim suppõe. Sem gratidaõ para com Deus, nem com-

paixaõ para com os seus semelhantes, e sem sentimentos de homens, a primeira coisa que fizeram foi lançar pela borda fõra os pobres escravos que estavam irremediavelmente cegos; pela razaõ de que, primeiramente, se os levassem para terra, ninguem lh'os comprava, e por conseguinte haveriam de os manter sem proveito: e em segundo lugar, porque fingindo hum caso de necessidade, poderiam cobrar dos seguradores o valor d'elles.

O Anno seguinte, de 1820, furnece-nos outra occorrenciã naõ menos atroz de sua natureza, porẽm de differente molde. *Sir George Collier* era a esse tempo Comodoro da Esquadra Ingleza, que cruzava nos mares d'Africa, para prevenir as contravenções à ley da abolição, sancionada pelo Parlamento Inglez, e por Tractados entre a Gram Bretanha e outros Governos estrangeiros. *Sir George* estava abordo da Fragata *Tartare*; e no Mês de Março deo caça a hum navio, que suspeitou ser navio de escravatura. No decurso da caça observaram-se alguns bariõs boyando no mar, os quaes a Fragata passou, porque naõ podia, àquelle momento, dispensar pessoa alguma para os hir examinar. D'alli a poucas horas a tripulação da fragata abordou ao navio que andava perseguindo, e achou ser hum navio Francez, *La Jeune Estelle*, cujo Capitaõ se chamava *Olympe Sanguines*. Este homem, sendo perguntado, negou que tinha escravos a bordo; porem confessou que pouco antes tivèra alguns em seu poder, mas que hum pirata Hespanhol lh'os tinha roubado e levado consigo. Entretanto, devisava-se no parecer do homem hum certo ar de insinceridade que induzio o Commandante da fragata, que tinha abordado o navio, a mandar-lhe dar busca ao poraõ. Como a isto se procedia, hum dos marujos Inglezes, tocando numa barrica, ouviu huma voz mui fraca, que sahia de dentro, como de pessoa moribunda; e fazendo logo abrir a barrica, acharam-se nella duas raparigas, pouco mais ou menos de doze annos de idade; as quaes depois foram conduzidas para bordo da *Tartare*, e assim preservadas da mais afflictiva morte. Quando lá chegaram foram reconhecidas por huma pessoa que as tinha visto no seu paiz. Esta era hum negro que estava detido a bordo da fragata, e que tambem tinha sido tirado pelo Comodoro a outro navio de escravatura. Soube-se entaõ pelo que elle disse, que hum certo Capitaõ *Richards*, Commandante de hum navio de escravatura Americano, tinha morrido-em huma aldèa na Costa d'Africa, chama-

da *Trade-town*, e tinha la deixado 14 escravos, entre elles as duas raparigas de que fallamos: que, depois que elle morreo, o Capitão Olympe Sanguines fizèra desembarcar a sua tripulação, armada com espadas e pistolas, e levàra consigo os 14 escravos para bordo da *Jeune Estelle*. Sir George Collier, tendo recebido esta informação, assentou que devia tornar a bordo do navio, a ver se descobria os 12 escravos que faltavam; porém não os acharam por mais diligencias que se fizeram. Occorreo então aos Officiaes da Fragata (com hum pezar inexprimivel) que talvez o Capitão Sanguines, para evitar que o navio lhe fosse apresado, como embarcação de escravatura, tivesse lançado os doze escravos ao mar naquelles barris que viram boyando huns a trás dos outros, logo no principio da caça. Mas, ah! já não era tempo de verificar a verdade d'esta conjectura, porque tinha-os a caça apartado muito para barlavento dos taes barris; e ja não havia probabilidade nenhuma de se acharem os escravos vivos.

Estes casos por si sós, bastarãõ para mostrar quanto a natureza d'este traffico tende a corromper o coração humano. Os effeitos que elle produz sam regulares e certos; sam os mesmos em todos os tempos, e entre quaesquer povos que o practiquem. Sam effeitos irresistiveis, que nem a opiniaõ publica, nem as maiores luzes de hum seculo sobre outro, nem a civilisação superior de alguma nação podem contrariar. Aquelles exemplos mostram (aquillo que particularmente se deseja fazer conhecer) que não ha remedio para os males de que nos queixamos, senãõ a *abolição total do Traffico*, Nenhum regulamento humano pode impedir aquelles effeitos, porque nenhum regulamento pode mudar o coração humano*: “Se hum Ethiope pode mudar a sua pelle; ou hum Leopardo as suas malhas, podereis vós tambem fazer o bem, vós que não aprendestes senãõ a fazer o mal.”

* Jeremias xiii. 23.

CAPITULO V.

Mostra-se que o Traffico da Escravatura he huma violaçaõ dos principios da Justiça Commum estabelicida entre os homens. Refutam-se alguns dos argumentos mais fortes, em que se apoiam aquelles que o defendem.

DEPOIS do que temos exposto nos Capitulos precedentes, parecerá, talvez, hum insulto à intelligencia dos leitores, querermos-lhes ainda provar, que o traffico da escravatura he huma violaçaõ dos principios de justiça que se acham estabelecidos entre as nações civilisadas. Naverdade, o bosquejo que d'elle havemos dado, parece mui sufficiente para excitar a indignação até d'aquelles, que não tem mais que o senso ordinario para distinguir o bem do mal. Porém quando vemos que ha homens, que não hesitam em andar nelle empregados, e com tanta frieza e indifferença como se fosse huma occupaçaõ ordinaria; julgamos do nosso dever fazer hum esforço para os desmascarar, comparando a sua conducta com alguns dos principios fixos da moral estabelecida entre os homens; e discutir os argumentos com que elles pertendem aquietar as suas consciencias, ao ponto de poderem emprehender hum tal commercio, sem nenhum apparente remorso.

He maxima evidente, e recebida em todo o mundo civilisado, “que o homem commette injustiça, quando faz danno ou molestia a outro, sem por elle ter sido provocado.” Isto he; que só por algum aggravado, alguma perda, ou alguma injuria que outrem nos faça, sem lh'o merecemos, he que podemos ter direito para hir sobre a sua pessoa, ou sobre a sua propriedade. Esta maxima he hoje admittida por todos os que governam as nações civilisadas; e ella he, com effeito, o alicerce, ou a grande *pedra-angular*, sobre que as suas leys estão fundadas. Applica-se porém igualmente às pessoas no estado de natureza; o por iso he aquella maxima, a de que as diversas nações, que tem differentes leys municipaes de sua propria instituiçaõ, se vem obrigadas a servir-se nas suas relações com as demais. Examinemos portanto por este padraõ o caso dos negociantes de escravos.

Se remontarmos aos precedentes Capitulos, para obtermos informação acerca d'este objecto; se considerarmos a maneira cruel por que sam feitos escravos os Africanos. A maneira cruel por que sam arrastados até aos navios; e a maneira ainda mais cruel por que sam transportados para as Colonias dos Europeos, não poderemos deixar de sentir o coração opprimido com a reflexão dos tormentos que elles padecem. Porém agora, quaes sam os males de que se accusa aos negros, para soffrerem os que se lhes fazem? Tem elles offendido em alguma coisa aos Europeos? Certamente que não. E como poderiam elles offender aquelles a quem nunca viram? Eis aqui temos pois o que constitue huma injuria, ou seja no estado de natureza, ou no estado de civilisação. Temos hum tanto de mal feito por individuos de huma nação contra certos individuos de outra, sem nenhuma provocação previa. Poder-se-ha dizer, contudo, à primeira vista do objecto, que os negociantes Europeos não fôram os actores naquellas scenas que produziram as miserias de que fallamos. Os Africanos sam os que fazem guerra huns aos outros; os que deitam o fogo às suas proprias casas; e os que arrebatam os seus proprios compatriotas. Sam elles os que commettem estas e outras enormidades, e não os Europeos. Muito bem; admittamos-lhes isso; mas não se segue d'ahi que os Europeos fiquem menos culpados. Ha outras maximas, além das que temos citado, em que o mundo civilizado concorda igualmente, e pelas quaes o comportamento dos Europeos pode ser julgado, tam bem neste, como no caso precedente. A primeira he, que "O recebedor dos furtos he tam criminoso como o ladrao." O que recebe fazendas, sabendo que sam furtadas, he tam mão como o que as furta. Temos estoutro axioma mui semelhante ao primeiro. "Aquelle que dá occasião a outro commetter hum acto de injustiça, elle mesmo he culpado d'essa injustiça." O homem, por exemplo, que emprega outro para fazer hum assassinio, aos olhos da moral he elle mesmo o assassino. O segundo he culpado como complice, o primeiro como author do crime. Agora não emporta por qual d'estes axiomas queiramos julgar os trafficantes Europeos; se como recebedores de furtos, ou authores dos males de que justamente nos queixamos. Estes males nunca teriam existido a não serem elles. Se os trafficantes de Escravos nunca fossem à Africa, mui poucos dos seus habitantes haveria escravos. Antes de elles hirem àquelle Conti-

nente comprar homens, mulheres, e creanças, as leys que lá havia eram semelhantes às dos outros povos em igual estado de sociedade. Os crimes não eram d'antes punidos com escravidão, como o sam agora; e des d'aquella epoca toda a jurisprudencia do paiz se tem alterado para satisfazer as impias requisições dos Europeos. Antes d'elles hirem à Africa, não se queimavam no silencio da noite aldeas inteiras, para colher os habitantes por surpresa; nem os individuos particulares andavam por emboscadas e escondrijos à espreita dos viajantes, para os agarrar, e senhoriar-se d'elles; nem hum vizinho atraçoava a outro para ter quinhaõ na venda d'elle. Mas depois das suas jornadas àquelle desgraçado paiz, todos estes infernaes costumes se tem introduzido, e arruinado toda a confiança e segurança na sociedade. Nos já fizemos ver que, assim que hum navio chega à Costa d'Africa, põem-se logo em movimento todos os mãos affectos que agitam o coração humano: os ciumes, os odios, a avareza, e a vingança começam a trabalhar nas vizinhanças. A noticia da Chegada de hum navio tem o mesmo effeito que a proclamação de huma recompensa para toda a especie de crimes. Portanto os Europeos, ainda que elles não sejam os principaes actores na funesta tragedia das miserias dos Africanos, que temos referido, sam, naobstante, os authores de todas ellas; e por consequencia, o traffico que elles fazem e fomentam, não pode considerar-se senão como huma grande violação dos principios de justiça reconhecidos por todas as nações civilizadas.

Agora, que he o que os Europeos tem para dizer em sua defesa? E com que argumentos, pertendem elles impôr silencio às suas consciencias, a ponto de se empregarem neste Commercio, como numa occupação ordinaria, e sem nenhuns signaes de remorso? Nós cremos que não ha nenhum d'elles que se atreva a tanto como a declarar, que sam falsas aquellas maximas communs de equidade, pelas quaes vimos de os julgar; ou que se atrevam a negar, que alguns males andam annexos a este traffico; antes elles, em geral, não pertendem mesmo negar as culpas que tem, ou attenuá-las com representações que, a serem verdadeiras, lhes podessem servir de leve excusa. O argumento de que elles d'antes se serviam, está hoje annihilado. Costumavam pôr os crimes do traffico à conta dos seus proprios governos, pelo protegerem e sancționarem. Verdade he que muitos dos governos Europeos, illudidos pelas suas representações

maliciosas, o legitimaram; porém tem-se-lhes aberto os olhos sobre as enormidades de semelhante commercio, e todos elles concorreram em assignar hum tractado em Vienna, em o qual designaram o traffico de escravatura como "*huma praga que tinha desolado a Africa, degradado a Europa, e affligido a humanidade.*" Dos argumentos que hoje se empregam escolheremos os dois mais fortes para os examinarmos, hum depois do outro. Dizem elles que os Africanos que vam buscar sam criminosos, sentenciados pelos seus proprios tribunaes a escravidão estrangeira; e que elles, portanto, não fazem senão promover os fins da justiça em os trazer de lá para fóra. Nós porém replicamos, que o argumento he fundado sobre huma asserção falsa. Nem todos os Africanos que elles transportam sam criminosos. Olhe-se para aquelles que sam apprehendidos em occasiões de *Tegria* ou *Panyar*. Olhe-se para a quantidade de rapazes e raparigas que se encontram a bordo de todos os navios de escravatura, que nem podem, pelas suas idades, ser culpados de crime algum. Porém, admittindo que muitos d'elles sam criminosos, não se segue que a condemnação seja justa. Talvez que fossem accusados de feitiçaria; e onde está aqui o crime? Talvez que fossem condemnados pela prova da agua envenenada. E por taes crimes, e portaes modos, he porventura o seu processo razoavel, ou a sentença justa? Perguntaremos agora se o seu castigo foi proporcionado ao delicto. Para este ponto, poucas observações bastarão.

Imaginemos estar presentes quando se vende hum d'estes condemnados por crimes, e se põe na primeira Cafila que por alli passa; e sigamo-lo desde aquelle momento por todos os trabalhos que tem de padecer. Aqui o vemos curvado debaixo de hum corrego, seu dono atrás d'elle com um chicote, caminhando por matos e desertos. Acolá o vemos abordo de hum navio dizendo o ultimo a-Deus à sua terra; afflicto no coração, com ferros aos pés, e morrendo de suffocação. Vejamo-lo depois nas Colonias, ja restabelecido, debaixo de outro dono, exilado, besta de carga, forçado a trabalhar com castigos, e sem prospecto nenhum de vir a acabar os seus males senão com a morte. E olhemos depois para nós em bôa consciencia, e digamos se o pobre commetteo algum crime que fosse digno de huma pena tam severa.

Tambem ha quem diga, que he melhor para hum Africano ser escravo na America, doque no seu proprio paiz; e a razão que se dá he,

porque no primeiro caso, trabalha debaixo do poder de hum senhor civilisado, e no segundo, em poder de hum barbaro; pertendendo-se d'aqui inferir que he mais feliz num lugar doque no outro. Este argumento porém he fundado numa asserção tam falsa como a primeira; porque os individuos que se transportam não sam todos criminosos, nem eram todos escravos. O certo he, que na Africa ha mui poucos escravos. De cada vinte pessoas da sua povoação, dezenove sam pessoas livres; e esta circumstancia he a que faz a sorte de muitos d'elles particularmente desgraçada. Este he o mal, que, depois de estarem acostumados a viver em liberdade, sam reduzidos a supportar as miserias da escravidão. Aqui poderamos fazer hum quadro tristissimo da situação de alguns d'elles. Nas occasiões de *Tegria* ninguem he poupado. O proprio chefe do lugar ou da familia participa igualmente na sorte dos seus: o Magistrado; o homem rico ou industrioso; suas mulheres e suas familias, todos se ajunctam no cordão da Cafila.

Mas tornando ao argumento. Se elle he verdadeiro, só o pode ser a respeito d'aquelles Africanos que eram escravos no seu paiz, e de mais nenhum: e portanto, he so neste limitado ponto de vista que o vamos ponderar. Em resposta podemos dizer, que a escravidão em Africa he comparativamente huma condição livre e folgada; he huma especie de vassallagem patriarchal, e em muitos respeitos preferivel à que por muitos seculos subsistio na Europa. M. Park informa-nos que, os que sam escravos domesticos em Africa, não podem ser vendidos à discreção de seus Senhores; he mister que tenham commettido algum crime, para a venda d'elles ser legal. Vivem e comem junctamente com seus donos, numa especie de simplicidade primitiva, e trabalham junctos, seja no campo, ou em casa, sem nenhuma distincção apparente. E com effeito os Senhores sam olhados pelos escravos como se fossem seus pais; e tem sobre elles ambas estas authoridades. “Não te tenho eu servido (dizia hum negro que viajara com M. Park como escravo domestico:.) “Não te tenho eu servido como a meu pai e senhor?” Isto he o que M. Park nos diz do estado dos escravos no seu proprio paiz; e não fará mal observar, que o mesmo foi confirmado por quantas testemunhas se examinaram perante o Parlamento Inglez.

Agora olhemos para a sua situação nas Colonias dos Europeos. Que affrontosa e amargurada situação não deve ser a dos escravos,

logo que sahem dos navios, hindo ser expostos em venda publica, nus em pelle; vendo-se meneados por hum braço de huma banda para outra, e examinados como huma besta; comendo, naõ como os seus senhores, mas huma raçaõ mesquinha, ficando com fome o mais das vezes; trabalhando, naõ em companhia de seus senhores, mas debaixo dos olhos de hum feitor branco, que anda a trás d'elles com hum chicote, e que lhes sacca do corpo todo o trabalho que he possivel exigir de huma creatura; vendo-se sujeitos a castigos arbitrarios, sem nenhum desaggravo; a serem batidos sem se queixarem; a serem riscados da ordem dos homens, e postos no nivel dos brutos; a soffrerem, por causa da sua cõr, huma ignominia, que naõ só fica com elles, mas que passa para as gerações futuras, e produz tal distancia entre elles e seus senhores, que até os faz tremer na sua presença. Supponhamos porém que o caso era differente; e supponhamos que, nem os donos, nem os feitores, eram homens endurecidos por habitos de crueldade, mas sim homens de sentimentos ordinarios. Pois mesmo assim a escravidão na Africa seria para os escravos hum paraíso, comparada com a escravidão nas Colonias. Que he o que os pode consolar da perda do seu paiz; da separação das suas familias e dos seus amigos; da terra em que nasceram, e que amavam? Que pode consola-los de passarem da graduação de homens para a graduação de brutos? A propria cõr, a linguagem, as feições, tudo conspira a fazer-lhes lembrar a todos os momentos a inferioridade da sua situação. Quando estavam no seu paiz, viviam com seus senhores, creaturas da mesma especie e da mesma apparencia que elles. Podiam fallar, e serem entendidos; queixar-se, e serem ouvidos. A natureza formára huma sympathia mutua entre elles.

Vê-se, portanto, que os argumentos dos Commerciantes de Escravos, que vimos de examinar sam fundados sobre asserções falsas; e que mesmo se fossem asserções verdadeiras, naõ poderiam sustentar-se em discussão. Cahem por terra, e valem tanto como se nunca se produzissem. Portanto as pessoas que se empregam neste traffico naõ retiram d'este argumento coisa alguma que attenue as suas culpas. Sam igualmente que d'antes culpadas das innumeraveis transgressões, que se lhes imputam, das Leys da Moral e da Justiça, que se acham estabelecidas entre os homens civilizados. Sam culpadas das fraudes, das condemnações injustas, das arrebatções de gente,

publicas e particulares; das guerras e mortes que se fazem na Africa; como tambem das insurreições; suicidios e mortandades que tem lugar no Oceano em consequencia da manutençãõ d'este maldicto traffico. Sam culpadas igualmente do crime de terem retardado a civilisaçãõ da Africa, perto de 300 annos. Mas, que nome daremos nós àquelloutro crime, de terem importado nas Colonias dos Europeos milhões de creaturas humanas, para lá perderem a graduaçãõ de homens, e viverem na ordem de bestas de carga, ellas e a sua posteridade para sempre? Naõ sabemos de algum nome adequado para o caracterisar. Que nome dariamos a hum homem que intentasse, sendo possivel, introduzir hum mal contagioso nas veias de alguns dos seus semelhantes, com o fim de produzirem a seu tempo huma raça de leprosos? Naõ o chamariamos hum monstro infernal? Pois se tal monstro existisse, e que tal fizesse, naõ faria mais doque já tem feito os trafficantes de escravos nas Colonias dos Europeos. Lá tem elles introduzido huma raça de homens, cujo sangue se acha tam corrompido pela opiniaõ, em consequencia da ignominia que lhes imprime o traffico da escravatura, que aquelles que tem algum nas suas veias, naõ somente sam excluidos do pallio da sociedade humana, e evitados como leprosos, mas sam condemnados a produzir huma serie de gerações para nunca mais se levantarem do abatimento e degradaçãõ. Se posermos agora todos estes factos junctos, e raciocinarmos sobre elles, ver-nos-hemos na necessidade de concluir, que nunca houve na historia do mundo huma collecçãõ de injurias, ou huma complicaçãõ de crimes semelhantes aos que comnettem os Europeos, que andam implicados no traffico da Escravatura.

CAPITULO VI.

O traffico da Escravatura he contrario aos Principios da Religiaõ Revelada. He falso o Argumento, de que este traffico he hum meio de converter os povos d'Africa ao Christianismo. Prova-se que he igualmente falso pelo que respeita as Colonias; e que mesmo, se fosse verdadeiro, não tornaria o traffico mais licito aos olhos da Religiaõ Revelada.

SE he verdade, como temos provado no Capitulo precedente, que o Traffico da Escravatura he opposto aos principios da moral e da justiça, estabelecidos entre a gente civilisada, não poderemos hesitar em declarà-lo opposto aos principios da Religiaõ Revelada.

He factó constante das Historias, que, nos primeiros tempos da propagação do Christianismo, aquelles que sentiam no coração os effeitos da sua benigna influencia, manifestavam repugnancia até mesmo àquella especie de escravidão que existia entre elles, debaixo da forma de vassallagem, muito mais suave. Parecia-lhes inconsistente com as novas doutrinas que haviam adoptado, e por isso achamos que, nos primeiros seculos da Igreja, era mui usual, as pessoas que morriam, forrarem os seus escravos; e nos seus mesmos testamentos motivarem aquellas manumissões "*pelo amor de Deus e Salvação das suas almas;*" expressões que bem nos dam a entender a opiniaõ que se fazia da practica de ter gente em escravidão. A esta benigna influencia da Religiaõ Christãa sobre o espirito dos convertidos, e ao progresso d'ella entre os seus descendentes, devemos attribuir a alteração que depois tem havido no estado da sociedade Europea, tam differente hoje em dia do que d'antes era; e tambem a razão porque as partes mais civilisadas da Europa, onde primeiro obteve o Christianismo, consistem hoje inteiramente de homens livres. Aqui temos pois huma prova das opiniões dos nossos antepassados sobre este objecto; e estas nobres opiniões haveriam descido até nós em toda a pureza, se não fossem interrompidas pela introdução do traffico da escravatura, que começou pouco depois do descobrimento do que chamaram o Novo Mundo. Os primeiros que emprehenderam

este traffico scientes do mal que faziam, e da infamia que havia de andar annexa àquelle emprego, acharam que lhes era necessario dizer alguma coisa em sua propria justificaçãõ; e esforçaram-se em consequencia por desfazer as generosas opiniões que vimos de mencionar, pertendendo que as suas expedições contribuiam para o bem da Religiaõ, e promoviam a propagação do Christianismo entre os gentios d'Africa, além dos que levavam para as Colonias para lá se converterem. Esta razaõ naquelles tempos parecia bem a muita gente, porque se ignorava ainda a detestavel natureza d'aquelle commercio; mas deve hoje muito admirar, que os seus descendentes se atrevam ainda a defender-se com o mesmo pretexto. Será justo, portanto, que façâmos algumas observações sobre aquelle argumento, antes de procedermos a demonstrar que o traffico he irreconciliavel com os principios da religiaõ revelada.

Podemos dizer, sem receio de que nos contradigam, que o argumento, pelo que respeita a Africa, he totalmente falso; e ao mesmo tempo asseverar, que naõ só d'aquella regiaõ se naõ tem convertido gentio algum ao Christianismo por meio dos commerciantes de escravos; mas que as suas hidas lá tem opposto huma barreira à conversãõ dos naturaes. *Mr. Smith* foi hum Inglez que residio em Africa muitos annos, como agente de huma Feitoria de Escravos; e publicou hum livro, em 1722, faz justamente agora cem annos, do qual extrahimos as seguintes palavras: “ Os negros que reflectem consideram a aportaçaõ dos Europeos no seu paiz como a maior das infelicidades, e a maior maldicçaõ que lhes podia sobrevir. Dizem que os Christãos introduziram o traffico da escravatura, com todos os horrores que o acompanham, num paiz em que viviam anteriormente em paz e tranquillidade: porem, dizem elles, ‘ quem pode desejar ser Christaõ, se para onde quer que vai o Christianismo, a morte, a peste e a devastaçaõ caminham atrás d'elle.” *M. Park*, que viajou em Africa ha poucos annos, escreve d'este modo: “ Ainda que os negros fazem grande conceito da riqueza e poder dos Europeos, arreceio que os sectarios de Mafoma, que entre elles ha, tem mui fraca opiniaõ da nossa superioridade em ideias de Religiaõ. Os commerciantes brancos, nos districtos maritimos, naõ põem cuidado nenhum em desfazer este prejuizo d'elles; porque fazem sempre as suas devoções em occulto, e poucas vezes se dignam conversar com os negros por modo de os afagar e instruir. Naõ foi portanto para mim ob-

jecto de admiração, como o foi de pena, observar que, emquanto a superstição de Mafoma tem espalhado alguns pequenos raios de luz entre aquellas gentes, a preciosa luz da Religião Christãa he inteiramente excluida. Não podia eu deixar de lamentar que, sendo a Costa d'Africa conhecida e frequentada por Europeos ha mais de dois seculos, ainda os negros existem sem conhecimento algum da nossa sancta Religião."

Tambem não he mais verdadeira a outra parte do argumento que diz respeito as Colonias. Nenhum paiz do Mundo poderiamos devisar menos apto para nelle se converter gente ao Christianismo. O odio que os pobres escravos naturalmente haõ de ter a seus senhores, deve necessariamente obrigá-los a desprezar a Religião Christãa, nem elles a podem olhar em outro aspecto, senaõ como protectora da crueldade e da oppressão. Lembremos-nos d'aquella expressaõ do velho *Casique* da America. Estavam-lhe os Hespanhoes applicando os tormentos, e offereciam-lhe o Cêo, se elle quisesse receber o Baptismo das mãos d'elles. Perguntou o miseravel, se os Hespanhoes que eram baptisados tambem hiam para o Cêo de que lhe fallavam; e como lhe respondessem que sim; replicou elle, com hum suspiro; "entaõ não desejo hir para o vosso Cêo." Com igual razaõ poderiam os Africanos dizer, aos que lhes pregam a Religião de Christo nas Colonias, "como pode essa Religião ser bõa sendo vossa?" Mas alli ainda existem outros obstaculos à conversão dos negros. Elles entram na sociedade em hum estado que não he natural; num estado que, antes exclue, doque favorece toda melhora de costumes. Desejais, verbi gratia, ensinar-lhes que sejam fieis; porém, ao mesmo tempo, a fome instiga-os a furtar. Quereis persuadí-los a que sejam leaes e submissos no seu novo estado de vida; porém, opprimidos com trabalho excessivo, o com castigos severos, não retêm no pensamento senaõ a idéa das injurias que soffrem, e talvez nesse mesmo instante se estejam elles lembrando de alguma maneira de se vingar. Não se pode, portanto, esperar que elles façam grande progresso em religião, emquanto o seu mesmo estado os empuxa ao crime. Outra desvantagem mui grande tem elles com que lutar. He coisa sabida, que o exemplo he mais efficaç doque o preceito. Mas onde he que existem paizes mais ferteis em maos exemplos, doque as Colonias? Na Europa certamente que não; nem em alguma outra parte do Globo. He hum dicto mui certo, que

nada corrompe tanto o coração como o poder; e onde se exerce elle com mais despejo e liberdade doque nas Colonias? Cada Senhor he hum monarcha nas suas terras. Alli podem elles exercitar as suas paixões, ou as suas iras, sem moderação nem limites, nem receio algum de punição. Alli reina a tyrania, o deboche e a dissipação. Portanto, se os escravos houverem de ser Christãos, não ha de ser por effeito dos exemplos, e da hũa conducta que observam em seus senhores. Porém, que diremos nós se estes mesmos senhores se opposerem a que os instruem na Fé, de medo que, vindo elles a ser Christãos, sejam obrigados a tractá-los melhor?

Mas embora concedâmos aos negociantes de escravos que a sua asserção he verdadeira, e supponhamos, por hum momento, que todos os escravos nas Colonias se tornam Christãos. Pois mesmo assim, a Conversão de todos elles, não lhes serviria de desculpa das guerras, dos roubos, das mortes e devastações que se fazem na Africa por causa d'elles; nem das miserias, e das mortandades que tem lugar nas viagens, por causa d'elles. Por todos estes crimes ainda elles seriam responsaveis; e o traffico da escravatura nem por isso cessaria de ser huma violação monstruosa assim do espirito, como da letra da Religião revelada; nem poderia deixar de o ser, emquanto elle continuasse a ser fundado em crimes. Vejamos o que nos diz S. Paulo, por meio da sua Carta aos Corinthios: “ Não devemos fazer mal para que nos venha bem:” ou por outras palavras; não se deve commetter huma maldade, por qualquer consideração que seja de vantagem publica ou particular. Este nobre preceito não admitte excepção de pessoas; mas he para se applicar em todas as occasiões, quer seja em administração de governo, em commercio, ou na vida particular. Se hum Principe, por exemplo, tivesse em contemplação algum projecto de vantagem politica, e porém tractasse de o executar por meios iniquos, todo o projecto e vantagens se tornariam illicitos. Da mesma forma, se hum negociante, em seu commercio, usasse de fraude ou meio deshonesto para fazer a sua fortuna, seria igualmente criminoso aos olhos de Deus. E assim he que este nobre preceito condenna do mesmo modo o traffico da escravatura, e a escravidão em que elle se funda; porque he impossivel existir qualquer d'estas coisas sem se commetter huma multidão de crimes. E he notavel que, não só os Sanctos Padres da Igreja, que succederam aos Apostolos, recommendassem muito este preceito, mas que tambem os que

lhes succederam o applicassem ao mesmo caso de que estamos falando. O Papa Leaõ X. quando os Dominicanos lhe representaram sobre os trattos que se faziam aos pobres Indios, declarou-lhes na sua resposta, “que naõ só a Religiãõ Christãa, mas até a mesma natureza, clamava contra a escravidãõ.” Pouco depois se introduzio a doutrina, de que era licito fazer escravos aos Indios, com tanto que se convertessem à Ley de Christo. Paulo III. comtudo, em 1537, promulgou dois Breves, em que reprovava severamente aos que sustentavam esta doutrina; e dizia, “que só o inimigo do Genero humano (o demonio) a podia ter introduzido;” e affirmou que era huma doutrina nunca d’antes ouvida; que era falsa naõ somente pelo que respeitava aos Indios, mas em respeito a “qualquer outro povo.” Aqui temos pois hum caso a proposito. Naõ se deviam fazer escravos aos Indios, nem a quaesquer outros povos, ainda que fosse para os fazer Christãos; e a razaõ era, porque a violencia da escravidãõ, em si mesma, era hum crime.

Mas voltando à questaõ; demonstraremos que o traffico da escravatura he irreconciliavel com os principios da Religiãõ revelada; e, depois de huma digressãõ tamanha, fa-lo-hemos em poucas palavras, porque naverdade poucas bastaraõ para provar este ponto.

Nas Taboas da Ley, que deo Moises ao povo Judaico, por ordem de Deus*, achamos as provas do nosso argumento. “Naõ mattaras,” diz a ley. E naõ he o Traffico da Escravatura huma complicação de mortes? “Naõ furtarás.” E que he o Traffico da Escravatura, senaõ huma complicação de roubos? “Naõ dirás falso testemunho contra o teu proximo.” E naõ he causa este nefando traffico de milhares de testemunhos falsos para condemnar innocentes? “Naõ cobiçarás a casa do teu proximo; naõ desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertencer.” E que outra coisa faz o agente de escravos em Africa, influido pelo trafficante Europeo, senaõ cobiçar a mulher do seu proximo, o seu servo, a sua serva, e até a mesma pessõa do seu proximo? Esta cobiça, naõ faz ella romper em guerra pelas violencias e meios injustos que emprega, para se senhoriar d’aquellas pessõas? Se pois a Ley Moral de Moises con-

* Exodo, cap. xx. v. 13.

condenna por este modo o Traffico da Escravatura, quanto mais ainda a Ley de Christo? Porque o Salvador não veio a destruir a Ley Moral, porém a elevá-la ao mais alto grão de perfeição; e por isso achamos que elle da mesma *tenção* fez crime, ainda não se verificando acto. E accrescentou, para governo dos que professassem a Sua Religião, huma regra tam simplex, que nunca se lhe pode errar a intelligencia, pela qual lhes ordena que não façam a outrem o que não queresiam que alguém lhes fizesse a elles; pois nisto vem a dar o Mandamento que diz: “E assim, tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o tambem vós a elles. S. Matth. cap. vii. v. 12.

Tornando a Moises; depois que elle promulgou a grande Ley moral, introduzio certas Leys particulares, contra certas offensas particulares: entre ellas a seguinte*: “Aquelle que furtar hum homem e o vender para escravo, convencido que fôr d’este crime, morra.” Ora he evidente que a palavra “furtar” sempre suppõe fraude ou violencia, e frequentemente ambas as coisas. Podemos portanto dizer, que esta Ley particular he applicavel àquelles meios indignos que já vimos que se practicam na Africa para supprir o Mercado da Escravatura. He applicavel à *Tegria* ao *Panyar*, e a todos os outros violentos e fraudulentos meios de que lá se faz uso para procurar homens, mulheres, e creanças para vender. Tambem he digno de observação, que a pena imposta por Moises ao Ladrão, não foi menos de morte. Mas talvez alguém diga, que a Ley particular de que fallamos era huma Ley Municipal, e destinada somente para os Israelitas. Se alguém nos opposesse esta objecção, replicariamos, que não só era ella huma repetição d’aquella parte da Ley Geral, que diz, “Não furtarás;” mas ainda huma applicação da mesma à raça humana; e he neste caso que ella obtêm maior importancia moral; porque, se he crime furtar gado, ou trastes, ou dinheiro; quanto mais crime não deve ser o furtar gente; a creatura feita à imagem e similhaça de Deus, com faculdades intellectuaes sobre toda a natureza animada, e com huma alma immortal? Não he, portanto, huma Ley meramente Municipal, destinada para huma Nação particular; mas huma parte da grande Ley Moral, confirmada pelo Christianismo, e por consequencia destinada para todo o genero hu-

* Exodo, cap. xx.

mano. Foi nesta luz que a vio o maior dos Apostolos. Diz S. Paulo, na sua primeira Carta a Timotheo*, que a ley, isto he, a Ley Moral de Moises, não foi pستا para o justo; mas para os peccadores, para os irreligiosos e profanos. E note-se como elle especifica entre elles os arrebatadores de homens. Mas quaes entende elle por arrebatadores de homens, para quem a Ley foi feita? Entendia aquelles que furtavam homens entre os Israelitas; e aquelles que seguiam esta maligna occupaçoẽ entre os Gregos e entre os Romanos, e outros povos do seu tempo; e incluia tambem aquelles que, para o futuro, houvessem de fazer o mesmo em qualquer parte do mundo. He porẽm desnecessario hir mais avante com este ponto. O Traffico da Escravatura já se vê que está condemnado pelo Velho e pelo Novo Testamento, se bem interpretámos as passagens citadas. Agora, se nestes Livros, e só nestes, se contém a vontade de Deus, como foi manifestada aos homens, entãõ podemos dizer que está provada a proposiçaõ que avançamos no principio d'este Capitulo; que o Traffico da Escravatura he opposto aos Principios da Moral e da Justiça estabelecidos entre a gente civilisada; e que o he, igualmente, aos Principios da Religiaõ Revelada.

Eis aqui, Leitor benevolo, huma exposiçaõ horrivel, porem mui succincta, do que he o Traffico da Escravatura, em todos os seus ramos. Bastante aqui achareis que mereça excitar a vossa piedade, e ao mesmo tempo a vossa maior indignaçaõ.

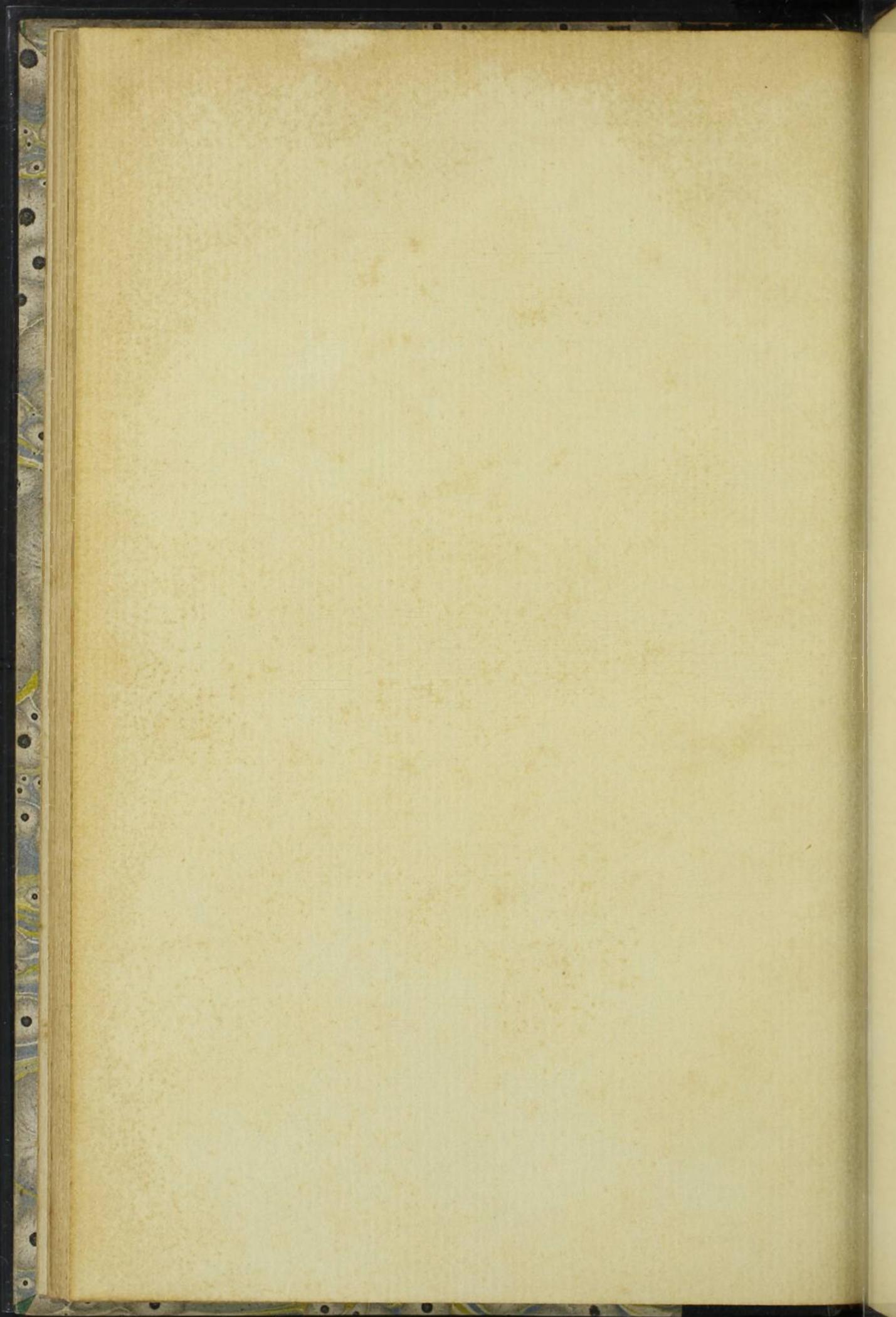
Recommendamos à vossa particular attençaõ a estampa do Navio de Escravatura, que vai annexa a hum dos Capitulos, a qual, por si só, falla volumes. Ella vos excitarà a lembrença das angustias e tormentos que padecem os miseraveis negros sobre o Oceano; e, com o succorro da imaginaçaõ, vos fará lembrar igualmente das cruezas e afflicçoẽs que os mesmos tem padecido no seu proprio paiz d'onde partiram, e ainda vam padecer nos alheios, para onde os destinam. Mas, se alguma coisa ainda resta, que desejassemos aprofundar na vossa memoria, sería a scena da despedida, que mencionamos em outra parte d'este opusculo, quando M. Park se separou, em *Jindey*, dos pobres escravos com quem vièra na Cafila até aquelle lugar. “ Porem' diz M. Park, ‘ ainda que via agora aproximar-se o fim da minha abhorrecida e trabalhos a viagem, e esperava, em mais hum dia, tornar a ver os meus amigos e compatriotas, comtudo, não podia apartar-

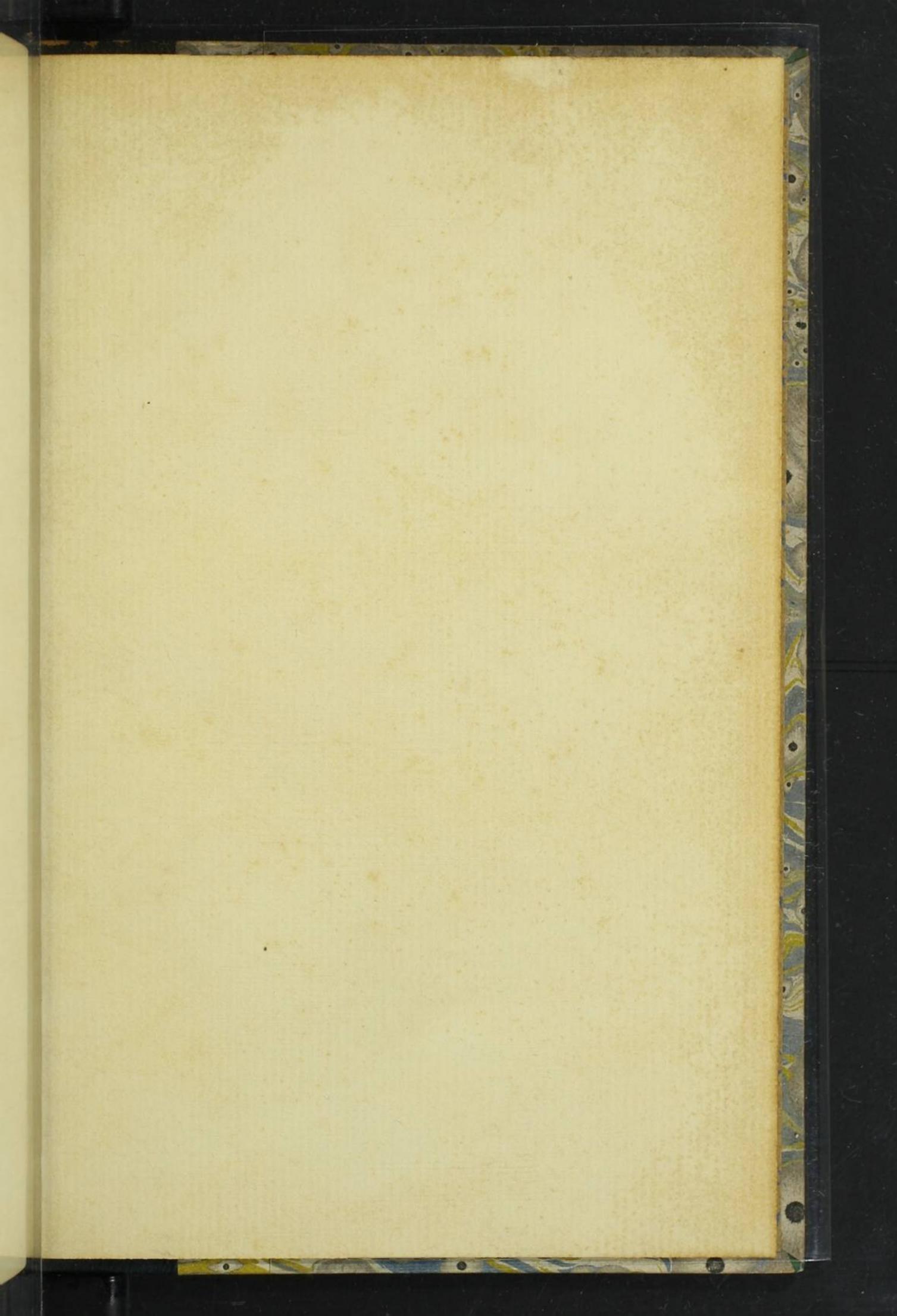
* Cap. i. v. 9.

me, pela ultima vez, d'aquelles infelizes companheiros (condennados, como eu sabia que muitos eram, a captiveiro e escravidão perpetua em terras alheias) sem me enternecer muito. Durante huma peregrinação enfadonha, de mais de quinhentas milhas Inglezas, expostos ao Sol ardentissimo dos Tropicos, aquelles pobres escravos, no meio das suas penas muito maiores, ainda tinham commiseração das minhas; e muitas vezes, de seu proprio accordo, vinham trazer-me agua para mattar-me a séde; e, em vindo a noite, ajunctavam ramos e folhas para me fazerem huma cama no deserto. A nossa separação foi com bençãos e ternura de parte a parte. Orações e bons desejos era tudo o que eu lhes podia dar; e de alguma consolação me servio o expressarem-me elles o sentimento que tinham, por mim mesmo, de eu mais não ter que dar."

Que scena esta! Leitor benovolo? Gravai-a na vossa memoria. Se os pobres escravos, que ficaram em *Jindey*, não perderam occasião que se lhes offerecesse de alliviar os incommodos de M. Park, que era hum Europeo, quando elles mesmos estavam soffrendo, e com prospecto de soffrer ainda mais, na longa viagem a través do Oceano, e em perpetua escravidão nas Colonias; e tudo isto por causa e intervenção de Europeos; véde lá se não sois obrigado, como Europeo, e mais particularmente como Christão, a fazer tambem quanto de vós esteja a favor dos seus desgraçados compatriotas. He verdade que estes pobres escravos não tinham coisa propria que dar ao seu companheiro de viagem, para o confortar no resto da sua enfadonha jornada; porque elles mesmos, coitados! eram propriedade d'outrem! mas, emfim, deram-lhe tudo o que podiam. Deram-lhe a terna sampathia dos seus corações. Contribuiram para lhe apagar a séde, e preparar-lhe o leito nos desertos. "Vai e faz o mesmo," vos digo nas palavras de Jesus Christo. Dai aos seus compatriotas, ao menos, as lagrimas da vossa sympathia; soltai a vossa lingua em favor d'elles; e não percaes occasião de advogar a sua causa, perante os vossos compatriotas, contra os seus oppressores; pois não sabeis se a vossa voz, huma vez levantada em apoio de huma causa justa, não produzirá mil outras vozes em seu favor; e se todas ellas, debaixo da influencia Divina, viraõ a ser o meio de se annihilarem este impio Traffico.

FIM.





010079

